INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)

CIENCIAS ECONÔMICAS – ECONOMIA INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

PERSPECTIVAS SOBRE O CAPITALISMO DEPENDENTE NA AMÉRICA-LATINA PELA TEORIA MARXISTA DA DEPENDÊNCIA

UM DEBATE ENTRE VÂNIA BAMBIRRA E AGUSTÍN CUEVA

GABRIEL VENÂNCIO DE MOURA

Foz do Iguaçu
Ano 2023

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)

CIÊNCIAS ECONÔMICAS – ECONOMIA, INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

PERSPECTIVAS SOBRE O CAPITALISMO DEPENDENTE NA AMÉRICA-LATINA PELA TEORIA MARXISTA DA DEPENDÊNCIA

UM DEBATE ENTRE VÂNIA BAMBIRRA E AGUSTÍN CUEVA

GABRIEL VENÂNCIO DE MOURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento

Orientador: Prof. Dr. Fernando Correa Prado

Foz do Iguaçu
Ano 2023

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

GABRIEL VENÂNCIO DE MOURA

PERSPECTIVAS SOBRE O CAPITALISMO DEPENDENTE NA AMÉRICA-LATINA PELA TEORIA MARXISTA DA DEPENDÊNCIA

UM DEBATE ENTRE VÂNIA BAMBIRRA E AGUSTÍN CUEVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento.

BANCA EXAMINADORA

_____
Orientador: Prof. Dr. Fernando Correa Prado
UNILA

_____
Profa Dra. Virgínia Laura Fernández
UNILA

_____
Profa. Luiza Araújo Damboriarena
(Sigla da Instituição)

Foz do Iguaçu, 19 de junho de 2023.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a):_____

_____

Curso: _____

	Tipo de Documento
(…..) graduação	(…..) artigo
(…..) especialização	(…..) trabalho de conclusão de curso
(…..) mestrado	(…..) monografia
(…..) doutorado	(…..) dissertação
	(…..) tese
	(…..) CD/DVD – obras audiovisuais
	(…..) _____

Título do trabalho acadêmico: _____

_____

_____

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: _____/_____/_____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons* **Licença 3.0 Unported.**

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

_____

Assinatura do Responsável

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

Dedico esta monografia a todos os trabalhadores latino-americanos, à minha família e aos meus amigos e colegas que me acompanharam durante essa longa e árdua jornada que foi e tem sido a graduação.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão neste momento tão importante da minha jornada acadêmica. A conclusão deste trabalho de conclusão de curso representa não apenas a culminação de anos de estudo e dedicação, mas também o resultado do apoio e do incentivo de pessoas especiais que estiveram ao meu lado ao longo de todo o processo.

Em primeiro lugar agradeço a Deus, que em sua imensa generosidade me concedeu o dom da vida. Aos meus pais, Samuel e Mirian, expresso que devo a vocês não apenas a realização deste trabalho, mas também o desenvolvimento de habilidades, valores e princípios que me tornaram a pessoa que sou hoje. Sou imensamente grato por ter pais tão especiais e dedicados, que sempre estiveram ao meu lado, celebrando minhas conquistas e apoiando-me em cada passo dado.

Este trabalho é uma demonstração do meu esforço e dedicação, mas também é uma expressão de amor e gratidão a vocês, meus pais. A vocês dedico essa conquista, sabendo que sem o seu apoio e amor incondicional, nada disso seria possível. Muito obrigado por tudo.

Agradeço também ao professor Fernando, que desde o início confiou no potencial desse trabalho e aceitou ser meu orientador por mais de uma vez. Por sua contribuição inestimável, pelo seu comprometimento e pelo impacto positivo que você teve em minha formação acadêmica e pessoal, minha sincera gratidão.

Estendo minha enorme estima a minha amada família, tios, tias, primos, primas e ao meu irmão Gustavo, pelo apoio incansável, pelas palavras de encorajamento e pelo amor constante que foram a âncora que me sustentou nos momentos de dúvida, angústia e incerteza. Sou verdadeiramente abençoado por tê-los em minha vida. Em especial, expresso minha infinita gratidão aos meus queridos avós, Maria, Antônio, Santilha e Guilherme, este último, infelizmente, não está mais presente entre nós para compartilhar essa conquista.

A vocês, meus amados avós, sou eternamente grato pelo amor inquebrantável, pelo suporte constante e pelos valores que me transmitiram ao longo dos anos.

Embora a ausência física de meu querido avô Guilherme seja sentida intensamente neste, e em todos, os momentos, sei que seu espírito generoso e sua sabedoria continuam a me guiar. Sua memória permanecerá viva em meu coração, e cada conquista que alcanço é um tributo ao seu legado.

Por fim não posso deixar de mencionar meus amigos, que estiveram presentes em todos os momentos, compartilhando risadas, incentivando-me nos momentos de dificuldade e celebrando cada conquista, tornando esta jornada mais leve e significativa. Agradeço por estarem ao meu lado, sempre prontos para ouvir e compartilhar experiências. Em especial agradeço aos meus companheiros de vida durante a graduação, Ully e Chico, por todo o afeto que dedicaram a mim e por fazerem com que eu me sentisse muito amado e seguro, sem vocês eu não estaria aqui.

A todos os mencionados e a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, meu mais profundo e sincero obrigado.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar...
Bertolt Brecht

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

RESUMO

A Teoria Marxista da Dependência, embora pouco discutida pelas universidades brasileiras, é capaz de oferecer elementos fundamentais para analisarmos a realidade econômica e social da América Latina. Através da adoção do método materialista histórico dialético, promove reflexões críticas sobre de que maneira a subordinação das economias latino-americanas, no contexto imperialista, resultou em consequências dolorosas, como a intensa transferência de valores para o centro e a restrição da democracia. Além disso, as estruturas de poder e coerção consolidadas e alinhadas aos interesses imperialistas, oprimem e exploram a classe trabalhadora, aprofundando a condição de dependência. Este trabalho de conclusão de curso busca resgatar a discussão sobre o Capitalismo Dependente através da abordagem da Teoria Marxista da Dependência. Para além, apresentar o debate a respeito da teoria entre Vânia Bambirra e Agustín Cueva, dois pesquisadores latino-americanos fundamentais para a compreensão do atual cenário social, político e econômico em "*nuestra América*"

Palavras-chave: Capitalismo Dependente; Teoria Marxista da Dependência; imperialismo.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

RESUMEN

La Teoría Marxista de la Dependencia, aunque poco discutida en las universidades brasileñas, es capaz de ofrecer elementos fundamentales para analizar la realidad económica y social de América Latina. A través de la adopción del método materialista histórico dialéctico, promueve reflexiones críticas sobre cómo la subordinación de las economías latinoamericanas en el contexto imperialista ha resultado en consecuencias dolorosas, como la intensa transferencia de valores hacia el centro y la restricción de la democracia. Además, las estructuras de poder y coerción consolidadas y alineadas con los intereses imperialistas oprimen y explotan a la clase trabajadora, profundizando la condición de dependencia. Este trabajo de fin de curso busca rescatar la discusión sobre el Capitalismo Dependiente a través del enfoque de la Teoría Marxista de la Dependencia. Además, tiene como objetivo presentar el debate sobre la teoría entre Vânia Bambirra y Agustín Cueva, dos investigadores latinoamericanos fundamentales para comprender la situación actual social, política y económica en "nuestra América".

Palabras Clave: Capitalismo Dependiente; Teoría Marxista de la Dependencia; imperialismo.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

ABSTRACT

The Marxist Theory of Dependency, although rarely discussed in Brazilian universities, is capable of offering fundamental elements to analyze the economic and social reality of Latin America. Through the adoption of the historical dialectical materialist method, it promotes critical reflections on how the subordination of Latin American economies in the imperialist context has resulted in painful consequences, such as the intense transfer of values to the center and the restriction of democracy. Additionally, the consolidated structures of power and coercion aligned with imperialist interests oppress and exploit the working class, deepening the condition of dependency. This undergraduate thesis aims to rescue the discussion on Dependent Capitalism through the approach of the Marxist Theory of Dependency. Furthermore, it seeks to present the debate about the theory between Vânia Bambirra and Agustín Cueva, two Latin American researchers fundamental to understanding the current social, political, and economic landscape in "*nuestra America*."

Keywords: Dependent Capitalism; Marxist Dependency Theory; imperialism;

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CESO	Centro de Estudos Socioeconômicos
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
ILAESP	Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDT	Partido Democrático Trabalhista
POLOP	Organização Revolucionária Marxista - Política Operária
TMD	Teoria Marxista da Dependência
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNAM	Universidade Nacional Autônoma do México
UNB	Universidade de Brasília
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12

2. O CAPITALISMO DEPENDENTE NA AMÉRICA LATINA 19

2.1. A trajetória de uma teoria – ou teorias 24
2.2. Teoria Marxista da Dependência 33
2.3. Considerações de Vânia Bambirra sobre a TMD 34

3. O DEBATE ENTRE VÂNIA BAMBIRRA E AGUSTÍN CUEVA 38

3.1. Bambirra e Cueva, percursos e percalços 39
3.2. Cueva, muitas críticas de *"una sola plumada"* 50
3.3. Bambirra, "*anticrítica"* vai ao México 60
3.4. *"Anticritica"* o autocritica? Una peleja en terreno pantanoso 72

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 77

REFERÊNCIAS 79

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

1 INTRODUÇÃO

Elaborar uma monografia sobre a Teoria Marxista da Dependência foi uma jornada intelectualmente desafiadora e enriquecedora. Optar por esse tema como objeto de estudo para o meu trabalho de conclusão foi motivado, em grande parte, pela conscientização de que enfrentaria obstáculos significativos ao longo do processo. Contudo, foi justamente esse desafio que despertou meu interesse e determinação em aprofundar meu conhecimento sobre essa teoria. A complexidade das questões abordadas, os debates acadêmicos em torno dela e a escassez de recursos disponíveis sobre o assunto tornaram essa experiência ainda mais instigante. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, aprendi a superar dificuldades, buscar fontes confiáveis e mergulhar nas discussões teóricas e empíricas que permeiam a Teoria Marxista da Dependência. Essa jornada não apenas fortaleceu meu aprendizado, mas também reforçou meu compromisso em contribuir para a compreensão dos desafios econômicos e sociais enfrentados pela América Latina.

Durante minha graduação em Ciências Econômicas na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), o contato com as obras e autores abordados neste trabalho foi limitado. No entanto, devo ressaltar que tive mais oportunidades nesse sentido em comparação à maioria dos estudantes brasileiros, devido à ênfase do curso na integração e desenvolvimento latino-americano. A especificidade da UNILA e do projeto pedagógico do curso de Ciências Econômicas proporcionou um maior contato com autores latino-americanos em geral. Entretanto, foi notório que as disciplinas que abordaram a Teoria Marxista da Dependência e forneceram elementos para compreender a realidade latino-americana sob essa perspectiva foram pontuais e menos frequentes.

Ao adotar o método do materialismo histórico dialético[1] e ao direcionar seu foco analítico para a realidade latino-americana sob a perspectiva marxista, a Teoria Marxista da Dependência despertou meu profundo interesse. Foi sua base metodológica sólida e consistente que capturou minha atenção e me motivou a explorar seus fundamentos. Essa

[1] Método materialista histórico dialético é uma abordagem teórica e analítica desenvolvida por Karl Marx e Friedrich Engels que busca compreender e interpretar a realidade social, política e econômica. Baseia-se na premissa de que as relações sociais e econômicas estão intrinsecamente ligadas às condições materiais de existência. O método enfatiza a importância da análise histórica, examinando as transformações e contradições das estruturas sociais ao longo do tempo. Além disso, a dialética, presente no método, enfoca as contradições e conflitos inerentes às relações sociais, destacando a necessidade de uma abordagem holística e dinâmica para compreender a realidade. O método materialista histórico dialético é amplamente utilizado no campo das ciências sociais, incluindo a economia, a sociologia e a história, proporcionando uma base teórica sólida para a análise crítica das relações sociais e a busca por transformações sociais mais justas e igualitárias.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

teoria, ao examinar nossa condição como economia dependente e periférica dentro do sistema capitalista global, oferece elementos valiosos para compreender as estruturas que sustentam e perpetuam essa realidade. Ao abraçar essa abordagem teórica, descobri a importância de examinar as relações complexas entre a economia, o poder político e as dinâmicas sociais na América Latina. Dessa forma, pude compreender melhor as raízes profundas dos desafios enfrentados por nossa região e contribuir para o avanço do conhecimento nessa área crucial de estudo.

Conforme dito anteriormente, durante o árduo processo de desenvolvimento deste trabalho, deparei-me com desafios e obstáculos que exigiram esforço e perseverança. Um dos aspectos mais marcantes foi a complexidade em organizar as bibliografias pertinentes ao tema, levando-me a questionar incessantemente os motivos da escassa divulgação e debate em torno de uma teoria tão sofisticada e cientificamente embasada. Surpreendentemente, deparei-me com outra barreira significativa: a escassez de escritos em língua portuguesa. Mesmo autoras e autores brasileiros notáveis, como Vânia Bambirra[2] e Ruy Mauro Marini[3], cujas obras são referências essenciais, permaneceram inacessíveis aos leitores brasileiros, pois alguns de seus livros não foram traduzidos para o nosso idioma ou sequer publicados no Brasil. Embora tenha recorrido à leitura em

---

[2] Vânia Bambirra (1940-2015) foi uma renomada socióloga, cientista política e economista brasileira. Graduou-se em 1962 pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e obteve seu mestrado na Universidade de Brasília (UnB) e doutorado em Economia pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Embora tenha alcançado maior reconhecimento na América hispânica, suas contribuições também são valorizadas no Brasil. Entre suas obras destacam-se: "A teoria marxista da transição e a prática socialista" (Editora da Universidade de Brasília, 1983), "Cuba - 20 anos de cultura" (entrevista, 1983) e "Capitalismo dependente latino-americano" (Editora Insular - IELA, Florianópolis, 2012).
Bambirra foi uma das principais expoentes da Teoria Marxista da Dependência, juntamente com Ruy Mauro Marini, André Gunder Frank e Theotonio dos Santos.

[3] Ruy Mauro Marini (1932-1997), uma das principais referências do pensamento crítico latino-americano, teve uma trajetória acadêmica e política marcante. Graduou-se em administração pública pela EBAP em 1957. Em seguida, obteve uma bolsa do governo francês para estudar na Fundação Nacional de Ciências Políticas (Sciences Po), onde realizou seus primeiros estudos sistemáticos da obra de Karl Marx entre 1958 e 1960. Ao retornar ao Brasil, foi um dos fundadores da Política Operária (POLOP) em 1961, uma organização que questionava as teses dos partidos comunistas para a América Latina e propunha um programa socialista para as lutas populares. Participou também da fundação da Universidade de Brasília (UnB) e integrou seu corpo docente ao lado de renomados acadêmicos como Andre Gunder Frank, Victor Nunes Leal, Theotonio dos Santos e Vania Bambirra. Iniciou seus estudos de doutorado sobre bonapartismo, que foram interrompidos pelo golpe militar de 1964.
Após ser exonerado da UnB, Marini foi preso em julho de 1964 pela Marinha, mas foi posteriormente libertado por decisão do Supremo Tribunal Federal. Buscando proteção, exilou-se na Embaixada do México e vinculou-se ao Centro de Estudos Internacionais do Colégio do México. Durante esse período, publicou artigos de destaque, como "Contradicciones y conflictos en el Brasil contemporáneo" (1965), "Brazilian Interdependence and Imperialist Integration" (1966) e "Dialéctica del desarrollo capitalista en Brasil" (1966), que foram integrados ao seu livro Subdesarrollo y revolución (1969). Dentre suas contribuições destaco a que foi mais importante para a construção desta monografia: Dialética da Dependência. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 9, n. 3, p. 325-356, dez. 2017.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

espanhol para suprir essa lacuna, essa experiência despertou em mim uma intriga persistente acerca dos fatores que relegam essa teoria ao status de um "lado B" nas discussões sobre dependência.

Conforme Prado (2011, p.68-69), a temática da dependência despertou amplos debates ao longo da década de 1960. As circunstâncias conjunturais, como a histórica Revolução Cubana de 1959 e a derrocada do nacional-desenvolvimentismo, proporcionaram um terreno fértil para o florescimento dessas discussões no âmbito acadêmico e intelectual. No entanto, apesar do crescente destaque mundial da problemática da dependência econômica na América Latina a partir dos anos 60, a perspectiva marxista, que buscava interpretações profundas, acabou sendo relegada a segundo plano em meio a outras abordagens.

A "controvérsia da dependência" é um dos temas centrais nos estudos de Fernando Correa Prado, que aborda a forma como a Teoria Marxista da Dependência foi recebida e contestada no contexto brasileiro. Prado (2011), em seu artigo *História de um não-debate: a trajetória da TMD no Brasil,* e em seu livro *A ideologia do desenvolvimento e a controvérsia da dependência no Brasil* de 2020, argumenta que a teoria enfrentou o que chama de um "não-debate" proposital, uma espécie de exclusão e deturpação de suas contribuições por parte de certos setores intelectuais e políticos.

De acordo com Prado (2020), a Teoria Marxista da Dependência propunha uma análise crítica das relações de dependência econômica entre países centrais e periféricos, especialmente no contexto latino-americano. No entanto, no Brasil essa perspectiva marxista encontrou resistência e oposição por parte de outros enfoques teóricos, como o estruturalismo e o neodesenvolvimentismo, que buscaram monopolizar o debate em torno da dependência.

Prado destaca que a "controvérsia da dependência" foi marcada por uma série de distorções e manipulações intelectuais, com o objetivo de deslegitimar a teoria marxista e promover interpretações reducionistas ou diluídas de suas proposições. Essa estratégia foi acompanhada por um processo de silenciamento e marginalização dos estudiosos e defensores da Teoria Marxista da Dependência no Brasil. Entretanto, para os demais países da América Latina, ainda em Prado (2020, p.143) temos que:

> A ampla controvérsia sobre a dependência gerou uma base teórica e histórica firme para construir uma interpretação crítica do papel da América Latina dentro do sistema interestatal capitalista e, claro, contribuiu para pensar caminhos políticos de superação das contradições características do capitalismo dependente.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

O autor argumenta que a controvérsia teve implicações políticas significativas, uma vez que a exclusão da Teoria Marxista da Dependência dos debates acadêmicos e políticos do período contribuiu para a perpetuação de políticas neoliberais e conservadoras, que perpetuaram a dependência econômica e social da América Latina. Em suas palavras (2020, p.145):

> Contradizendo a vitalidade e multiplicidade das análises sobre a dependência latino-americana, foi se construindo no país "pensamento único" sobre o tema da dependência centrado em grande medida na perspectiva defendida por Cardoso, de tal modo que se firmou um relativo desconhecimento – e até mesmo deformação – das contribuições inscritas na tradição marxista, dentro da qual estariam as obras de Andre Gunder Frank, Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra e, principalmente, Ruy Mauro Marini.

Prado exemplifica o que foi dito inferindo que, ao passo que os textos de Fernando Henrique Cardoso como "Dependência e desenvolvimento em América Latina" (1970) eram facilmente acessados, inclusive durante a ditadura militar, Ruy Mauro Marini que já publicava no México *"Subdesarollo y revolución"* em 1969, só foi ser legalmente publicado no Brasil em 1992, com "América Latina: dependência e integração".

A escolha da Teoria Marxista da Dependência como abordagem central deste estudo se baseia na compreensão do contexto das relações que permeiam a realidade latino-americana. Ao combinarmos a teoria da dependência com o marxismo, encontramos uma abordagem que melhor abarca as demandas de uma relação hierárquica, histórica, em que um continente é subordinado a um centro global. O marxismo, em sua análise, considera as complexas interações históricas e culturais que contribuem para essa relação de dependência.

É importante ressaltar que essa perspectiva não é a única, mas é uma das formas de compreender as relações econômicas da América Latina em uma dimensão global. Ao explorar a Teoria Marxista da Dependência, buscamos compreender como as estruturas econômicas, sociais e políticas contribuem para a subordinação da região, proporcionando uma visão mais abrangente das dinâmicas em jogo.

É fundamental resgatar e debater as contribuições trazidas pela Teoria Marxista da Dependência, assim como investigar os motivos pelos quais o trabalho de resgate se faz necessário nos dias de hoje. Nenhum pensamento, por mais hegemônico que seja em determinado tema, deve ser isento de críticas e debates. Com base nessa premissa, o objetivo deste trabalho é promover uma discussão aprofundada das perspectivas sobre a dependência, tendo como ponto de partida a TMD.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

Com o intuito de trazer à tona um debate muitas vezes negligenciado nas discussões acadêmicas, este estudo se concentra no diálogo entre dois proeminentes pensadores: Vânia Bambirra e Agustín Cueva[4]. Ambos possuem sólidos conhecimentos e extensa base na tradição marxista, demonstrando dedicação, rigor científico e compromisso tanto com a academia quanto com a disseminação do marxismo na América Latina. Além disso, a escolha estratégica desses autores se deve ao fato de terem estabelecido um debate direto entre si, com Bambirra dedicando um capítulo a Cueva em sua obra *"Teoría de la dependencia: una anticrítica"* (1978) e Cueva mencionando Bambirra no título de seu texto *"¿Vigencia de la 'anticrítica' o necesidad de autocrítica? respuesta a Theotonio Dos Santos y Vania Bambirra"* (1979).

Ademais, é fundamental ressaltar a relevância de trazer a perspectiva de autoras mulheres nesse debate, pois o ambiente acadêmico ainda é amplamente dominado por homens, resultando em uma falta de representatividade e reconhecimento das contribuições das mulheres pesquisadoras. Especialmente em áreas e temas menos explorados, como o discutido neste estudo, as vozes femininas tendem a ser apagadas e marginalizadas. Ao incluir as perspectivas das autoras, proponho uma ruptura com essa tendência de exclusão.

Buscando apresentar a Teoria Marxista da Dependência, lançarei luz a interação entre Vânia Bambirra e Agustín Cueva. Essa análise permitirá identificar as nuances, contribuições e críticas dos autores dentro dessa teoria.

Para tratar sobre as complexas relações de dependência na América Latina e compreender a consolidação do capitalismo dependente na região, adotarei o método materialista histórico-dialético como abordagem central deste trabalho. Essa escolha metodológica possibilitará uma investigação crítica, ao evidenciar as contradições e interações entre as estruturas econômicas, políticas e sociais que sustentam esse sistema de dependência.

Esse método abrange as relações sociais em sua totalidade, revelando as contradições inerentes ao capitalismo dependente e suas implicações sociais, econômicas e políticas.

---

[4] Agustin Cueva (1937-1992), importante sociólogo marxista e crítico literário equatoriano, foi líder do movimento estudantil equatoriano nos anos 1950, teve sua trajetória acadêmica marcada pela expulsão da Universidade Católica do Equador e pela conclusão de seus estudos na Universidade Central do Equador. Após obter uma bolsa de estudos em Paris, foi um dos fundadores do movimento cultural dos tzánticos, que influenciou a compreensão das artes e da realidade no Equador. Mais tarde, em 1967, fundou a Escola de Sociologia na Universidade Central do Equador e, em seguida, enfrentou exílios no Chile e no México, onde atuou como professor e pesquisador na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) de 1973 a 1991.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

Por meio dessa abordagem, pretendo apresentar algumas provocações e reflexões que surgem ao analisar criticamente a complexidade das relações de dependência na América Latina. O método materialista histórico-dialético será uma ferramenta essencial para sustentar a análise tendo como arcabouço as raízes históricas, os mecanismos de reprodução e as possibilidades de transformação desse sistema de dependência em nossa região, tendo sempre em mente as palavras de Gouvea[5]:

> O marxismo tem como finalidade a prática de transformação societária, compreendendo a relação entre teoria e prática na unidade da práxis e em seu movimento continuado. O objetivo do marxismo não é compreender o capitalismo e sim contribuir para superá-lo, na medida em que se constitua historicamente como arma na luta por esta superação. Coloca-se como ferramenta teórica para a luta de transformação. O marxismo tem a práxis como finalidade (GOUVEA, 2018, p. 2).

A partir da consolidação teórica e das reflexões emergentes no decorrer desta pesquisa, almejo que as propostas iniciais sejam devidamente abordadas, pautando-me sempre pelo rigor científico, metodológico e pelo exercício de um olhar crítico aprofundado. Espero que esta monografia possa oferecer contribuições ao debate sobre a dependência, que está longe de estar esgotado e que, diante das conjunturas globais atuais, torna-se ainda mais premente retomá-lo. Pois, como nos lembra Cueva:

> Nossa independência, bem o sabemos, ficou muito longe de ter sido um parto sem dor; aqui, como em qualquer parte, a violência desempenhou o papel de parteira da história. Além do elevado custo em vidas humanas e dos vultuosos gastos militares propriamente ditos, o processo de emancipação implicou a desarticulação do sistema econômico preexistente, em parte como consequência inevitável das ações bélicas e em parte como consequência, mais inevitável ainda, da ruptura dos vínculos com a potência que até então constituíra o centro de gravitação das jovens

[5] Professora na área de economia, Marina Gouvea é uma destacada acadêmica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ESS-UFRJ). Possui doutorado e mestrado em Economia Política Internacional pela mesma instituição, consolidando sua expertise nesse campo. Além disso, é diretora da Sociedade Latino-americana e Caribenha de Economia Política e Pensamento Crítico (SEPLA) entre 2016 e 2022, demonstrando seu engajamento na promoção do pensamento crítico. Como pesquisadora, é membro do Grupo de Trabalho "Crisis y Economía Mundial" do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), contribuindo para a compreensão dos desafios econômicos enfrentados pela região. Marina Gouvea também coordenou o Grupo de Estudos da Teoria da Dependência (GETD-UNILA) no CNPq e faz parte do Grupo de Trabalho sobre teoria marxista da dependência da Sociedade Latino-Americana de Economia Política (GT-TMD-SEP). Com uma trajetória marcada pela dedicação à pesquisa, ela concentra seus estudos na realidade social da América Latina e do Caribe, tendo atuado como docente e pesquisadora na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) por 5 anos. Sua contribuição para o avanço do conhecimento na área é evidente, tendo integrado a Direção da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP) na gestão 2018-2020. Seus principais campos de pesquisa abrangem o materialismo histórico-dialético, a crítica da economia política, o estudo do imperialismo, a controvérsia da dependência, a teoria marxista da dependência, o capitalismo dependente na América Latina, bem como a interseção entre raça, gênero e classe na divisão social do trabalho.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

formações sociais latino-americanas (CUEVA, 1983, p. 24).

Assim sendo, é incumbência nossa, enquanto pesquisadores e estudantes marxistas, engajarmo-nos de forma ativa e vigorosa para assegurar que nosso “parto com dor” não tenha sido em vão. Por meio de um diálogo crítico e de uma apreensão aprofundada da realidade material, almejamos não somente resistir, mas também reagir de forma contundente e transformadora.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

2. O CAPITALISMO DEPENDENTE NA AMÉRICA LATINA

Partimos neste trabalho de uma consideração fundamental: para estudar as sociedades latino-americanas, é imprescindível reconhecê-las como parte integrante do sistema capitalista mundial. De acordo com Vânia Bambirra (2013, p. 40), essa perspectiva revela a existência de relações de dependência em relação a um centro hegemônico, as quais exercem um papel determinante no desenvolvimento da América Latina. Nesse sentido, podemos afirmar que “a dependência condiciona a estrutura econômica e engendra os parâmetros das possibilidades estruturais”. Também em justificativa da adoção dessa fundamentação metodológica, Bambirra (2013, p. 40) expressa:

> Usamos essa expressão com o objetivo de adequar a metodologia criada por Marx ao enfrentamento do estudo da problemática das sociedades dependentes latino-americanas, isto é, para tratar de explicar as leis de movimento de estruturas específicas, historicamente condicionadas. É por isso que acreditamos que a expressão histórico-estrutural é adequada, pois o nível de análise que pretendemos desenvolver, embora não se limite a nenhum país em particular, situa-se num nível muito mais concreto que o nível de análise sumamente abstrato realizado por Marx em *O Capital*.

Para Marini, também era nítida essa dificuldade “de adequar a uma realidade categorias que não foram desenhadas especificamente para ela” exprimindo que os pesquisadores marxistas acabaram por incorrer em dois tipos de desvios: “a substituição do fato concreto pelo conceito abstrato, ou a adulteração do conceito em nome de uma realidade rebelde para aceitá-lo em sua formulação pura”, e sobre esses desvios o autor expôs que:

> (...) frente ao parâmetro do modo de produção capitalista puro, a economia latino-americana apresenta peculiaridades, que às vezes se apresentam como insuficiências e outras — nem sempre distinguíveis facilmente das primeiras — como deformações. Não é acidental portanto a recorrência nos estudos sobre a América Latina a noção de "pré-capitalismo". O que deveria ser dito é que, ainda quando se trate realmente de um desenvolvimento insuficiente das relações capitalistas, essa noção se refere a aspectos de uma realidade que, por sua estrutura global e seu funcionamento, não poderá desenvolver-se jamais da mesma forma como se desenvolvem as economias capitalistas chamadas de avançadas. É por isso que, mais do que um pré-capitalismo, o que se tem é um capitalismo sui generis, que só adquire sentido se o contemplamos na perspectiva do sistema em seu conjunto, tanto em nível nacional, quanto, e principalmente, em nível internacional (MARINI, 2017, p. 326).

É fundamental compreender a constituição do capitalismo dependente na América Latina, levando em consideração tanto a interferência externa em sua estrutura econômica

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

quanto sua dimensão relacional interna. Nessa proposta de debate, percebe-se uma marcante influência da formação do território a partir de bases históricas e coloniais, um embasamento que mantém sua relevância até os dias atuais. Temos que:

> Forjada no calor da expansão comercial promovida no século 16 pelo capitalismo nascente, a América Latina se desenvolve em estreita consonância com a dinâmica do capitalismo internacional. Colônia produtora de metais preciosos e gêneros exóticos, a América Latina contribuiu em um primeiro momento com o aumento do fluxo de mercadorias e a expansão dos meios de pagamento que, ao mesmo tempo em que permitiam o desenvolvimento do capital comercial e bancário na Europa, sustentaram o sistema manufatureiro europeu propiciaram o caminho para a criação da grande indústria. A revolução industrial, que dará início a ela, corresponde na América Latina à independência política que, conquistada nas primeiras décadas do século 19, fará surgir, com base na estrutura demográfica e administrativa construída durante a Colônia, um conjunto de países que passam a girar em torno da Inglaterra. Os fluxos de mercadorias e, posteriormente, de capitais têm neste seu ponto de entroncamento: ignorando uns aos outros, os novos países se articularão diretamente com a metrópole inglesa e, em função dos requerimentos desta, começarão a produzir e a exportar bens primários, em troca de manufaturas de consumo e — quando a exportação supera as importações — de dívidas (MARINI, 2017, p. 327).

Marini oferece uma perspectiva crítica e abrangente das relações econômicas que caracterizam a América Latina, destacando a dependência estrutural imposta pelo sistema capitalista mundial desde o processo de colonização. Ao considerar a dependência não apenas como uma condição periférica, mas como um aspecto intrínseco ao funcionamento do sistema, o autor revela a profunda desigualdade e exploração que permeiam a ordem econômica global.

Argumenta que a dependência é o resultado de uma inserção desigual das nações latino-americanas na economia global, configurando uma divisão internacional do trabalho que favorece os países centrais em detrimento dos países periféricos, e infere que em decorrência das dívidas, cuja origem e o processo é detalhado na citação acima, temos que:

> É a partir desse momento que as relações da América Latina com os centros capitalistas europeus se inserem em uma estrutura definida: a divisão internacional do trabalho, que determinará o sentido do desenvolvimento posterior da região. Em outros termos, é a partir de então que se configura a dependência, entendida como uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência. (MARINI, 2017, p. 327).

Essa assimetria gera uma constante transferência de recursos e riquezas das economias dependentes para as economias dominantes, perpetuando um ciclo vicioso de subdesenvolvimento e disparidades socioeconômicas, pois conclui que “a consequência da dependência não pode ser, portanto, nada mais do que maior dependência, e sua superação supõe necessariamente a supressão das relações de produção nela envolvida.”

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

(MARINI, 2017, p. 327).

Ainda sobre a inserção da América Latina na divisão internacional do trabalho, Marini (2017, p.328) mostra como criação da grande indústria moderna dependeu essencialmente dos países dependentes, uma vez que o desenvolvimento industrial requer uma ampla disponibilidade de produtos agrícolas para permitir a especialização industrial. Na Europa, a simples produção agrícola interna teria limitado a especialização produtiva necessária para a grande indústria. Os países latino-americanos desempenharam, então, um papel fundamental ao fornecerem meios de subsistência agropecuários, contribuindo para aprofundar a divisão do trabalho e especializar os países industriais como produtores mundiais de manufaturas.

A América Latina foi essencial na criação de uma oferta mundial de alimentos, fato crucial para sua inserção na economia internacional capitalista. Sua participação no mercado mundial contribuiu para o crescimento das matérias-primas industriais, impulsionado pelo crescimento da classe trabalhadora nos países centrais e o aumento da produtividade. A função desempenhada pela América Latina na economia capitalista vai além da resposta aos requisitos físicos da acumulação nos países industriais, pois sua participação contribui para a transição da produção de mais-valia absoluta para mais-valia relativa[6]. No entanto, o desenvolvimento da produção latino-americana ocorreu principalmente por meio de uma maior exploração do trabalhador. Esse caráter contraditório da dependência latino-americana é fundamental para compreender as relações de produção no sistema capitalista como um todo.

O autor prossegue com a ampliação de sua perspectiva sobre o tema e, nas páginas subsequentes do mesmo ensaio, destaca que "o problema está, portanto, em determinar o caráter que assume na economia dependente a produção de mais-valia relativa e o aumento da produtividade do trabalho", explica que é comum a confusão entre o conceito de mais-valia relativa e produtividade, mas diferencia com maestria um conceito do outro argumentando que aumentar a capacidade produtiva do trabalho não garante, por si só, um

[6] A mais-valia absoluta refere-se à forma clássica de exploração na qual o capitalista obtém lucro ao prolongar a jornada de trabalho do trabalhador. Nesse caso, o trabalhador produz um valor equivalente ao seu salário em apenas uma parte do dia de trabalho, enquanto o restante do tempo é dedicado à produção de valor excedente, que é a mais-valia. O capitalista se apropria dessa mais-valia ao pagar ao trabalhador menos do que o valor total que ele produz.
Já a mais-valia relativa está relacionada ao aumento da produtividade do trabalho e à diminuição do tempo necessário para a produção de valor equivalente ao salário do trabalhador. Isso é alcançado por meio de avanços tecnológicos, métodos de produção mais eficientes, divisão do trabalho e intensificação do ritmo de trabalho. Com a redução do tempo necessário para a reprodução do valor da força de trabalho, o restante do tempo de trabalho se traduz em mais tempo para a produção de mais-valia. Assim, a mais-valia relativa se baseia na exploração da capacidade produtiva aprimorada do trabalhador.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

aumento na mais-valia relativa.

Quando a produtividade aumenta, o trabalhador produz mais produtos no mesmo tempo, mas não gera mais valor. No entanto, isso leva o capitalista a buscar o aumento da produtividade, pois assim ele pode reduzir o valor individual de sua mercadoria em relação ao valor atribuído pelas condições gerais de produção, obtendo uma mais-valia superior aos seus concorrentes, conhecida como mais-valia extraordinária.

No entanto, essa mais-valia extraordinária não afeta a taxa geral de exploração do trabalho na economia. Se o aumento da produtividade se torna generalizado para outras empresas e, portanto, uniformiza a taxa de produtividade, isso não resulta em um aumento na taxa de mais-valia. Apenas a quantidade de produtos aumentará, sem alterar seu valor. A consequência disso seria uma diminuição da mais-valia, pois o valor social da unidade de produto será reduzido proporcionalmente ao aumento da produtividade do trabalho.

A determinação da taxa de mais-valia não depende apenas da produtividade do trabalho, mas sim do grau de exploração da força de trabalho, ou seja, da relação entre o tempo de trabalho excedente (em que o trabalhador gera mais-valia) e o tempo de trabalho necessário (em que o trabalhador reproduz o valor de sua força de trabalho, ou seja, o equivalente ao seu salário). A alteração dessa proporção, aumentando o trabalho excedente em relação ao necessário, pode modificar a taxa de mais-valia. Para isso, a redução do valor social das mercadorias deve ocorrer nos bens necessários para a reprodução da força de trabalho, ou seja, nos bens-salário[7]. A mais-valia relativa está, portanto, ligada à desvalorização dos bens-salário, que geralmente, mas não necessariamente, é influenciada pela produtividade do trabalho.

Essa redução no valor da força de trabalho permite que o aumento da produtividade se traduza em taxas de mais-valia cada vez mais altas nos países industriais. Em outras palavras, a América Latina contribui para o aumento da mais-valia relativa nesses países, ao incorporar-se ao mercado mundial como fornecedora de bens-salário.

Entretanto esse processo se mostra contraditório, pois o autor diz que:

> Na medida em que essa maior produtividade é acompanhada efetivamente de uma maior mais-valia relativa, isso significa que cai o valor do capital variável em relação ao do capital constante (que inclui as matérias primas), ou seja, que aumenta a composição-valor do capital. Assim sendo, o que é apropriado pelo capitalista não é diretamente a mais-valia produzida, mas a parte desta que lhe corresponde sob a forma de lucro. Como a taxa de lucro não pode ser fixada apenas em relação ao capital variável, mas sobre o total do capital adiantado no processo de produção,

[7] Bens-salário são os bens e serviços necessários para a reprodução da força de trabalho de um trabalhador. São os itens essenciais que um trabalhador precisa consumir para suprir suas necessidades básicas e manter sua capacidade de trabalhar. Os bens-salário incluem alimentos, moradia, vestuário, transporte e outros itens essenciais para a sobrevivência e a reprodução da força de trabalho.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

> isto é, salários, instalações, maquinário, matérias primas etc., o resultado do aumento da mais-valia tende a ser—sempre que implique, ainda que seja em termos relativos, uma elevação simultânea do valor do capital constante empregado para produzi-la—uma queda da taxa de lucro. (MARINI, 2017, p. 330)

Marini (2017, p. 330) explica que essa contradição essencial da acumulação capitalista é enfrentada por procedimentos que visam aumentar a mais-valia para compensar a queda da taxa de lucro, ao mesmo tempo em que buscam reduzir o valor do capital constante para evitar o declínio. Um desses procedimentos é a oferta mundial de matérias primas industriais, que acompanha a oferta mundial de alimentos.

A América Latina contribui para o crescimento da produção capitalista nos países industriais ao fornecer produtos mais baratos no mercado internacional. No entanto, essa oferta de alimentos e matérias primas tem sido acompanhada pela queda dos preços desses produtos em relação às manufaturas. A deterioração dos termos de troca reflete a depreciação dos bens primários, mas não pode ser explicada apenas pelo aumento da produtividade nos países não industriais.

O autor então conclui que as nações desfavorecidas pela troca desigual não buscam corrigir o desequilíbrio de preços e valores de suas exportações, mas compensar a perda de renda através da maior exploração do trabalhador. Isso revela que a transferência de valor entre nações é, na verdade, uma transferência de mais-valia gerada pela exploração do trabalho interno de cada nação. Para o capitalista na nação desfavorecida, essa transferência se manifesta como uma queda na taxa de mais-valia e, consequentemente, na taxa de lucro. Portanto, o processo pelo qual a América Latina contribui para aumentar a taxa de mais-valia e lucro nos países industriais tem efeitos opostos para a região, atuando como um mecanismo de compensação no mercado, mas operando internamente na produção.

Esse mecanismo nos leva a outra contribuição fundamental de Marini, que conclui que "o fundamento da dependência é a superexploração do trabalho". (MARINI, 2017, p. 353). Ele demonstra que os países dependentes, em virtude de sua posição subordinada na hierarquia econômica global, são forçados a submeter sua força de trabalho a condições de trabalho precárias, baixos salários e ausência de direitos trabalhistas. Essa superexploração é uma estratégia para justamente compensar a tendência à queda da taxa de lucro, uma vez que os países dependentes não possuem a capacidade de competir em termos de produtividade e tecnologia com as economias centrais. Sobre isso, Marini expressa que:

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

> (...) os três mecanismos identificados — a intensificação do trabalho, a prolongação da jornada de trabalho e a expropriação de parte do trabalho necessário ao operário para repor sua força de trabalho — configuram um modo de produção fundado exclusivamente na maior exploração do trabalhador, e não no desenvolvimento de sua capacidade produtiva. Isso é condizente com o baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas na economia latino-americana, mas também com os tipos de atividades que ali se realizam. (MARINI, 2017, p. 347).

Tendo elucidado pontos sobre a gênese do capitalismo dependente na América Latina, avançarei sobre as teorias desenvolvidas para compreender as implicações desse processo.

2.1. A trajetória de uma teoria – ou teorias

As teorias da dependência surgem na década de 1960 como uma resposta à necessidade de compreender a dinâmica social, econômica e política da América Latina a partir de suas próprias particularidades regionais. Nesse contexto, tornou-se evidente que as ideias e teorias provenientes de fora da região não ofereciam elementos suficientes para explicar às demandas conjunturais e históricas desses territórios. Como mencionado no início do capítulo anterior, o trabalho de MARINI (2017) destaca a especificidade do capitalismo dependente que caracteriza a trajetória latino-americana, o que dificulta sua compreensão por parte dos teóricos do imperialismo, uma vez que estes não tinham a América Latina como seu principal objeto de estudo e análise.

Apesar dessas teorias serem desenvolvidas no período pós-Segunda Guerra Mundial, suas raízes remontam ao passado colonial dos países da América Latina, quando a independência política não foi acompanhada pela independência econômica. Após a guerra, ficou claro que o mundo se dividia em dois blocos: países centrais e periféricos do sistema capitalista. Os países centrais, conforme explicado no capítulo anterior, se industrializaram primeiro, enquanto a periferia ainda não havia desenvolvido amplamente sua base industrial.

A crise econômica internacional dos anos 1930 teve um impacto significativo na dinâmica dos países periféricos. A redução na demanda por importações levou esses países, por necessidade, a buscar alternativas para o desenvolvimento da indústria doméstica, investindo na produção de bens que anteriormente eram importados. Após a Segunda Guerra Mundial, essa nova estratégia passou a receber investimentos estrangeiros, principalmente de multinacionais e por meio de empréstimos, em grande parte provenientes da América do Norte. Esse novo momento, mais uma vez tendo a dívida como

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

elemento motriz, aprofundou a dependência desses países em relação aos centros econômicos.

No contexto das transformações vividas pelos países latino-americanos, conforme em (FIORI, 2009, p.32) surge o Modelo Cepalino, desenvolvido pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL)[8], como uma resposta às demandas e desafios enfrentados pela região. Esse modelo buscava promover a industrialização e a modernização por meio de políticas lideradas pelo Estado, visando superar o que era chamado de "subdesenvolvimento" na periferia global.

No entanto, é importante fazer uma reflexão crítica sobre essa concepção de "subdesenvolvimento". Na verdade, o que era rotulado como "subdesenvolvimento" era o próprio desenvolvimento do capitalismo na periferia. Essa perspectiva crítica é fundamental para compreender as dinâmicas socioeconômicas e os desafios específicos enfrentados pela América Latina.

Portanto, embora o Modelo Cepalino tenha sido uma tentativa de abordar as necessidades da região, é necessário questionar a própria noção de "subdesenvolvimento" e analisar as relações desiguais de poder, o legado colonial e a exploração de recursos naturais que moldaram a realidade latino-americana. Essa reflexão crítica é essencial para o desenvolvimento de abordagens mais abrangentes e contextualizadas, como a teoria da dependência, pois “desenvolvimento”, conforme PRADO (2020, p.56), ao longo da história se fortaleceu como um horizonte utópico a ser atingido:

> Acontece que, historicamente, diferentes frações da burguesia não apenas permitiram como de fato estimularam o debate sobre o desenvolvimento; disputaram (e ainda disputam) o desenvolvimento, colocaram-no na pauta política nacional (e ainda o colocam). Ao desnaturalizar o "desenvolvimento", torna-se claro que, enquanto horizonte utópico, está muito presente no debate político e intelectual brasileiro - promovido por distintas frações da burguesia e pelos representantes do poder do Estado burguês - e, como se verá mais adiante, desde sua origem, este horizonte utópico do desenvolvimento - parte essencial da ideologia do desenvolvimento - foi construído também pela burguesia e por diferentes frações da classe dominante.

De acordo com PEREIRA (1995), é importante ressaltar que essas ideias do Modelo Cepalino, que enfatizavam as políticas de industrialização e modernização lideradas pelo Estado como estratégias de superação do subdesenvolvimento, foram posteriormente alvo

[8] A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) é uma organização regional das Nações Unidas, fundada em 1948, com o objetivo de promover o desenvolvimento econômico e social dos países latino-americanos e caribenhos. A CEPAL desempenha um papel importante na formulação de políticas públicas, na realização de pesquisas e na produção de análises sobre questões econômicas, sociais e ambientais da região.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

de críticas dentro da teoria da dependência, que surgiu, justamente, como uma resposta à necessidade de uma análise mais aprofundada das relações de dependência econômica e social que caracterizam a América Latina. Uma vez que, propunha a compreensão das especificidades históricas e estruturais da região, levando em conta fatores como o legado colonial, a exploração de recursos naturais e as relações desiguais de poder.

A teoria questionava a eficácia das políticas de industrialização e modernização lideradas pelo Estado como mecanismos de superação da dependência, argumentando que essas políticas muitas vezes reproduziam e reforçavam as relações de dependência existentes.

Assim, as teorias da dependência surgiram como uma abordagem analítica que buscava compreender as relações de dependência econômica e social entre os países centrais e periféricos do sistema capitalista. Elas reconheciam as limitações das teorias importadas e destacavam a necessidade de uma abordagem própria, enraizada nas particularidades históricas e contextuais da América Latina.

O Modelo Cepalino, em sua concepção inicial, propôs investir no desenvolvimento interno dos países latino-americanos como uma estratégia para alcançar a paridade com os países centrais em termos de mecanismo industrial. Essa abordagem envolvia o estabelecimento de uma indústria de base que permitisse às nações periféricas competir com as regiões já consolidadas.

No entanto, essa percepção traz consigo uma problemática fundamental. É importante reconhecer que não é viável simplesmente colocar os países periféricos no centro do sistema capitalista ao lado das nações que já possuem uma base industrial estabelecida. Isso ocorre porque a própria condição dos países centrais está intrinsecamente ligada à exploração dos países periféricos - de fato, eles não existiriam sem essa relação de dependência.

Essa interdependência entre as nações do centro e da periferia é um elemento central da dinâmica do sistema capitalista global. Conforme países centrais dependem dos recursos naturais, da superexploração da força de trabalho e das condições favoráveis de mercado oferecidos pelos países periféricos. Essa relação desigual de poder econômico e influência política impede que os países periféricos alcancem uma posição equivalente no sistema capitalista, ou nas palavras de Marini:

> o desenvolvimento industrial no seio da economia exportadora (e, por consequência, na extensão do mercado interno), em países como Argentina, México, Brasil e outros, não chegou nunca a conformar uma verdadeira economia industrial, que, definindo o caráter e o sentido da acumulação de capital, acarretasse em uma mudança qualitativa no desenvolvimento econômico desses países. Ao

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

> contrário, a indústria continuou sendo ali uma atividade subordinada à produção e exportação de bens primários, que constituíam, estes sim, o centro vital do processo de acumulação. É apenas quando a crise da economia capitalista internacional, correspondente ao período compreendido entre a primeira e a segunda guerras mundiais, limita a acumulação baseada na produção para o mercado externo, que o eixo da acumulação se desloca para a indústria, dando origem à moderna economia industrial que prevalece na região. (MARINI, p.339)

Ao fim da década de 50 e início da década de 60, a perspectiva desenvolvimentista se mostrava insuficiente para interpretar a realidade econômica latino-americana, posto que não propunha discussões mais profundas sobre as reais possibilidades de se desenvolver na condição de periferia, não se atentando às contradições que o modo de produção capitalista expressa na periferia do sistema, tampouco oferecia possibilidades concretas de transformação dessa realidade. Os arcabouços teóricos estabelecidos não foram capazes de contornar a debilidade do capitalismo em reproduzir as experiências bem sucedidas de desenvolvimento nos países latino-americanos. Nas palavras de Wasserman[9]:

> (..) o prestígio das teorias do desenvolvimento foi abalado pela conjuntura financeira internacional e, mais particularmente, pelo fracasso da economia latino-americana, cujos países mais ricos e desenvolvidos não conseguiam transpor as barreiras determinadas pela condição periférica. (...) os países latino-americanos sofreram, simultaneamente, um esgotamento da capacidade de acumular e de realização da produção industrial (WASSERMAN, 2017, p. 71).

A autora explica que houve um estrangulamento na capacidade de importação dos insumos que eram necessários para a ampliação do processo produtivo, ao passo que a atividade industrial sofria uma restrição em decorrência da dependência do consumo interno, este que por sua vez acabava sendo limitado pelo próprio contexto social dos países latino-americanos, onde a maior parte da população não tinha condição de consumir

---

[9] Cláudia Wasserman é uma pesquisadora e professora brasileira, graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1981), onde também obteve seu mestrado em 1991 e doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1998. Atualmente, é Professora Titular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista do CNPq. Entre 2010 e 2017, atuou como Coordenadora adjunta da área de História na CAPES.
Com vasta experiência na área de História latino-americana e brasileira, Cláudia Wasserman se destaca por suas pesquisas sobre história contemporânea do Brasil e da América Latina, identidade nacional, historiografia latino-americana, questão nacional, história intelectual latino-americana e brasileira, e movimentos sociais. Suas contribuições acadêmicas incluem a publicação de artigos e capítulos de livros em periódicos internacionais e coletâneas organizadas no exterior.
Além de sua atuação como coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos Americanos (CNPq) e do Programa de Pós-Graduação em História, Cláudia Wasserman foi professora visitante na Universidade de Estocolmo em 2008 e desempenha um papel importante como coordenadora brasileira do convênio CAPES/MERCOSUL. Ela também participa de convênios com a Universidade de Barcelona, onde desenvolve um projeto sobre Memória e Reparação. Durante o período de 2017 a 2021, ocupou o cargo de Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Atualmente, coordena o projeto "Cartografia das memórias em disputa: manifestações/intervenções contemporâneas no espaço público" (Edital Universal 2022-2025)

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

os produtos industrializados. Dessa forma, conclui que, apesar dos esforços, o crescimento econômico latino-americano seguia dependente dos recursos gerados pelo setor primário-exportador e pelo capital externo, escancarando a inviabilidade do processo de substituição das importações e divergindo do ideal cepalino, de que o desenvolvimento autônomo era a solução para combater a dependência externa (oriunda da deterioração dos termos de intercâmbio[10]), pela noção de que se tratava de um sistema interdependente que não compatibilizava com essa "sonhada" autonomia.

Uma das consequências mais brutais desse processo de tentativa de industrialização nos países periféricos, para WASSERMAN (2017, p. 72), foi a marginalização social. No Brasil, como consequência da associação entre o êxodo rural e a incapacidade que a indústria nascente tinha em gerar empregos, houve a formação de uma massa de trabalhadores vivendo em condições miseráveis nos grandes centros urbanos, impactando em baixos níveis salariais que, somado a baixa remuneração do capital – responsável pelo prolongamento da jornada de trabalho – intensificaram a superexploração dos trabalhadores. Em linhas gerais, a combinação desses fatores, referentes a essa primeira fase da industrialização brasileira, conduziu a economia do país à uma restrição mais acentuada no mercado interno, demonstrando a tendência a um ciclo vicioso no desenvolvimento.

Outra confirmação da derrocada do projeto nacional-desenvolvimentista é bem descrita pelas palavras de Wasserman:

> A radicalização popular e a presença de lutas sociais contundentes em vários países da América Latina expuseram de modo mais acentuado a crise do projeto nacional-desenvolvimentista, que pretendia ser um modelo destinado a diminuir as desigualdades e impedir essas mobilizações. Ao mesmo tempo, a revolução cubana apareceu como um fator de grande impacto popular, social e intelectual e enriqueceu o panorama das alternativas disponíveis para resolver os problemas de geração e distribuição da riqueza nos países do continente (WASSERMAN (2017, p.73).

Durante as décadas de 60 e 70, a conjuntura latino-americana, diante ao esgotamento da industrialização substitutiva e marcada por eventos históricos como a Revolução Cubana de 1959 e o golpe empresarial civil-militar de 1964, transpassava a necessidade dialética do surgimento de uma teoria que fosse capaz de superar os

[10] De acordo com Prebisch (1986) à deterioração dos termos de intercâmbio entre, por um lado, matérias-primas e alimentos e, por outro, bens industrializados. Dada a especialização dos países em desenvolvimento na produção de matérias-primas e alimentos, a tendência à deterioração dos preços desses produtos resultaria na tendência à deterioração dos termos de intercâmbio desses países. A deterioração dos termos de intercâmbio significa que, se os volumes exportados se mantivessem estáveis, sua capacidade de compra de bens e serviços do exterior, ou seja, a capacidade de importar, diminuiria com o decorrer do tempo.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

pressupostos cunhados pelas teorias do desenvolvimento. As divergências teóricas e políticas entre intelectuais da época se estreitavam, e o objeto principal das reflexões passou a ser a caracterização do capitalismo como periférico ou dependente, desse modo assistimos então ao nascimento da teoria da dependência.

A partir dessa ideia central, o desenvolvimento da teoria da dependência gerou algumas vertentes, que muitas das vezes se contrapõem e estão em recorrente embate provocado por divergências teóricas e metodológicas. A pesquisadora Gabriela Oliveira Rodrigues, em sua monografia intitulada *A Teoria Marxista da Dependência em Ruy Mauro Marini: Superexploração da Força de Trabalho e Subimperialismo na integração capitalista mundial da América Latina (2017)* aborda a existência de três matrizes teóricas que influenciaram na formação da estrutura do debate: o marxismo, as teorias do imperialismo, e o estruturalismo da CEPAL (p. 6).

Partindo do pressuposto da pluralidade presente na teoria da dependência, é evidente que havia diferentes compreensões sobre o significado do termo "teoria da dependência". O conceito de dependência se tornou objeto de disputa a partir da metodologia adotada para explicar o funcionamento do capitalismo periférico. Além de fornecer explicações, buscava-se também traçar caminhos políticos e analíticos que permitissem superar essa condição de dependência. Assim, a teoria da dependência não se limitava apenas a uma análise teórica, mas também buscava oferecer abordagens práticas e estratégicas para a transformação da realidade. A respeito da importância e da disputa entre as diversas correntes, Fiori constata que:

> Não há dúvida, contudo, de que foram as teorias da dependência que interpretaram mais fielmente o clima político e intelectual latino-americano dos anos 1960. Mas há também completo consenso entre os historiadores das ideias de que não houve uma, mas várias teorias da dependência, e que cada uma delas apontava para projetos políticos e estratégias económicas completamente distintas. (FIORI 2009, p.30)

Adiante, FIORI (2009) versa que reconhece a existência de ao menos três grandes grupos ou vertentes dentro do que chama de “escola da dependência”, dentre as quais duas não aceitavam a dependência externa como um fator que explicasse de forma definitiva a posição econômica ocupada pelos países periféricos. Para estas duas vertentes, a dependência era “apenas uma situação condicionante universal, cuja eficácia específica variaria segundo o comportamento das estruturas, processos e interesses internos de cada país” (FIORI, 2009, p.30). Como expoentes dessa vertente, o autor cita

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

Aníbal Pinto, Celso Furtado e Oswaldo Sunkel. Estes autores estavam diretamente ligados ao pensamento estruturalista cepalino e, portanto, não propunham uma discussão mais abrangente sobre essa viabilidade do capitalismo atrasado, focavam os estudos em elucidar os obstáculos estruturais responsáveis pela estagnação econômica que foi observada nos anos 1960, e pela derrocada do projeto de desenvolvimento nacional que foi deflagrado pela América Latina.

Justamente nessa empreitada de tentar explicar o fracasso do desenvolvimentismo, conformando uma outra vertente da "escola da dependência", Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, inspirados pela teoria imperialista da perspectiva leninista, e pelas teses da CEPAL acerca do comércio internacional, publicaram em 1969, no México, o livro *Dependência e desenvolvimento na América Latina*[11], onde buscavam investigar as formas e possibilidades de desenvolvimento econômico em um país dependente, levando em conta os polos hegemônicos (Cardoso e Falleto, 1981). Entretanto, apesar de terem sido considerados um dos fundadores da teoria da dependência e, conforme WASSERMAN (2017, p.77), buscarem suplantar o "desenvolvimento" como objeto central da interpretação da realidade latino-americana, passando a consideração da "dependência" como foco – pois tinham esta como "fator interno imbricado ao componente externo" (Wasserman, 2017, p.78) –, a conclusão de suas pesquisas ainda seguia o mesmo caminho cepalino, ou seja, tinha como horizonte a possibilidade de atingirmos patamar semelhante aos países centrais do capitalismo e superar a dependência.

Para os autores Cardoso e Falleto (1981, p.141), os países latino-americanos eram divididos entre *economias de enclave* e *economias controladas nacionalmente*. Nas economias controladas nacionalmente, diziam que a dependência superava a oposição entre desenvolvimento e dependência. Acreditavam que era possível incrementar o desenvolvimento mantendo as relações de dependência por meio de um sistema de alianças que se diferenciava do sistema que no passado garantia a hegemonia externa. Exemplificaram esse ponto tendo como partida Brasil, México e Argentina, países onde, até 1930, tinham o desenvolvimento limitado pela predominância do setor primário-exportador, uma vez que essas alianças supracitadas garantiam que o preço e a demanda obedecessem ao mercado internacional. A partir da "industrialização substitutiva", implicavam que os termos da dependência foram redefinidos, pois conforme Wasserman (2017, p.76) "a produção não estava mais voltada exclusivamente ao mercado externo e as

[11] (WASSERMAN, 2017, p.75).

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

alianças entre a burguesia dos países dependentes e os representantes do capital monopólico admitiam uma margem que permitiria o incremento do desenvolvimento. Mais além, defendiam que a formação de uma economia colonial na periferia do sistema capitalista internacional minimizaria os efeitos dessa exploração colonialista, pois previa apoio ao projeto tanto pelas classes dominantes, quanto pelos assalariados, empresários, técnicos, burocratas, dentre outros.

Nessa "disputa" pela autoria da teoria da dependência, despontou-se também André Gunder Frank[12]. Através do livro *Capitalismo y subdesarrollo em América Latina* (1965), foi o primeiro autor a formalizar a interpretação que contemplava "o subdesenvolvimento latino-americano como parte integrante do mesmo processo que produziu o desenvolvimento nos países centrais do capitalismo" (WASSERMAN, 2017, p. 79), resgatando assim a noção de totalidade. Gunder Frank rechaçava a possibilidade de um capitalismo autônomo capaz de superar o subdesenvolvimento, mesmo considerando o apoio da burguesia nacional. A partir de Gunder Frank, e outros estudos sobre subdesenvolvimento e relações centro-periferia, começa a ser discutido o conteúdo específico da dependência, assim como discussões sobre métodos a serem aplicados nas análises da realidade latino-americana[13].

Esta vertente da teoria da dependência, para FIORI (2009), negava a possibilidade de um desenvolvimento capitalista emancipatório na América Latina, pois, conforme dito anteriormente, este levaria ao "desenvolvimento do subdesenvolvimento", posto que a dependência é um produto do desenvolvimento do capitalismo que "em sua fase monopolista perdera sua capacidade dinâmica e expansiva e passava a bloquear o desenvolvimento industrial dos países atrasados".

A perspectiva de Santos (2000, p.18), propõe que essa teoria da dependência partia da compreensão crítica sobre as limitações materiais de um desenvolvimento que, em contrapartida ao pensamento cepalino, foi iniciado em um determinado período histórico cuja economia mundial já estava subordinada a grupos econômicos hegemônicos, estes que, por meio do imperialismo, hierarquizavam toda a organização econômica mundial de acordo com seus interesses e, através da exploração dos países menos desenvolvidos,

---

[12] André Gunder Frank (1929-2005) foi um economista e sociólogo alemão-americano conhecido por sua abordagem crítica da economia política da dependência. Ele argumentou que as economias dos países em desenvolvimento são dependentes das economias dos países desenvolvidos e que isso é resultado de um sistema de dominação global que mantém os países em desenvolvimento subdesenvolvidos. Além disso, Frank defendeu a tese de que as economias dos países em desenvolvimento não são "atrasadas" em comparação com as economias dos países desenvolvidos, mas sim distorcidas devido à exploração econômica por parte dos países desenvolvidos.

[13] (WASSERMAN, 2017)

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

transferiam parte do excedente para os países desenvolvidos por meio de alianças, caracterizadas por FIORI (2009) como “burguesias compradoras”.

Em consonância a essa vertente, e sobre a gênese do capitalismo dependente, encontramos em Vânia Bambirra a seguinte constatação:

> O capitalismo na América Latina se desenvolveu dentro do contexto de expansão e evolução do capitalismo mundial. Em função disso, assumiu formas específicas que, sem negar as leis gerais do movimento do sistema, configuraram no continente tipos específicos de capitalismo dependente, cujo caráter e modo de funcionamento estão intrinsicamente conectados à dinâmica que assume historicamente o capitalismo nos países centrais (BAMBIRRA, 2013, p. 33).

No mesmo sentido, temos também em Ruy Mauro Marini:

> Forjada no calor da expansão comercial promovida no século 16 pelo capitalismo nascente, a América Latina se desenvolve em estreita consonância com a dinâmica do capitalismo internacional. Colônia produtora de metais preciosos e gêneros exóticos, a América Latina contribuiu em um primeiro momento com o aumento do fluxo de mercadorias e a expansão dos meios de pagamento que, ao mesmo tempo em que permitiam o desenvolvimento do capital comercial e bancário na Europa, sustentaram o sistema manufatureiro europeu e propiciaram o caminho para a criação da grande indústria (MARINI, 2017, p. 327).

Considerando as reflexões provocadas, optei por concentrar meu estudo na Teoria Marxista da Dependência, uma corrente dentro do pensamento dependentista. Essa abordagem, que se baseia no materialismo histórico-dialético, busca entender o desenvolvimento capitalista sob uma perspectiva marxista, utilizando o conceito de dependência como o cerne da explicação. A Teoria Marxista da Dependência reconhece o imperialismo como um elemento intrínseco na formação da estrutura de classes. Além disso, essa abordagem rejeita a possibilidade de uma aliança estratégica com a burguesia nacional como forma de superar a dependência, mantendo uma posição irredutível e revolucionária nesse sentido.

Acredito que seja fundamentado e persuasivo o uso de um método que seja derivado da própria realidade para analisá-la. Além disso, esse método não se limita apenas à análise, mas também oferece ferramentas para transformar essa mesma realidade. Assim, conforme Gouvea resume:

> A teoria marxista da dependência avança na compreensão da realidade social latino-americana, portanto, porque propõe a apreensão das particularidades do capitalismo na região a partir do marxismo, buscando entendê-las sob a perspectiva da compreensão da própria existência social –da reprodução material da existência (GOUVEA, 2018, p.13).

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

A partir das críticas às políticas de desenvolvimento das regiões periféricas cunhadas em um primeiro momento do pensamento latino-americano, toma forma a Teoria Marxista da Dependência.

2.2. Teoria Marxista da Dependência

A Teoria Marxista da Dependência tem como objetivo aprofundar as discussões, buscando uma perspectiva de análise específica. De acordo com Wasserman (2017, p.122) e Rodrigues (2017, p.4), nesse contexto, a proposta era desenvolver uma teoria marxista da dependência que se desvinculasse dos termos utilizados pela CEPAL e adotasse uma abordagem marxista. Dessa forma, termos como "deterioração dos termos de troca" passaram a ser compreendidos como "troca desigual", a "dependência externa" se transformou em uma compreensão mais abrangente da dependência como estatuto e proposta do imperialismo, e a "conciliação de classes" foi reinterpretada como uma política operacional em direção ao socialismo. Essa mudança completa no corpo teórico representou uma ruptura com as abordagens desenvolvimentistas anteriores e trouxe uma nova perspectiva marxista para a compreensão da dependência econômica e social na América Latina:

> Embora os próprios teóricos Cepalinos tenham reformulado muitas de suas ideias, não foram capazes de analisar as estruturas internas dos países latino-americanos, o que foi feito pela Teoria da Dependência que surgiu a partir de 1960. Apesar de terem voltado muitas de suas críticas para os teóricos da Cepal, é inegável a contribuição destes nas formulações das suas análises. Essa teoria procurou destacar, além das suas considerações a respeito do caráter capitalista das economias periféricas (contradizendo as teorias que as consideravam pré-capitalistas ou até mesmo feudais), as condições sociais e políticas dessas regiões onde a burguesia determinava as relações com os países centrais na defesa dos seus interesses, mesmo que isso implicasse na perda da sua autonomia nacional. A industrialização latino-americana não se deu, portanto, por meio da articulação das classes sociais sob o ordenamento Estatal e sob o protagonismo da burguesia no desenvolvimento autônomo nacional. O que se verificou foi o prejuízo, sobretudo, das classes trabalhadoras, nesse processo que acarretou uma série de agitações populares que implicaram em Golpes de Estado por toda a região, apoiados pela classe burguesa (RODRIGUES, 2017, p. 4).

A Teoria Marxista da Dependência (TMD) tem como objetivo analisar as estruturas sociais internas presentes nos países latino-americanos e as relações de classe com os centros imperialistas, compreendendo-os como fatores intrinsecamente relacionados ao aprofundamento das desigualdades e à superexploração dos trabalhadores. Sob a

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

perspectiva marxista, e mais uma vez resgatando Marini (2017), a superexploração da força de trabalho é fundamental nas economias periféricas. A burguesia desempenha um papel crucial nessas relações, porém não consegue atender aos interesses das camadas mais baixas, uma vez que está vinculada ao capital internacional, especialmente representado pelos Estados Unidos da América. Isso ressalta a importância de compreender que o sistema relacional interno dos países latino-americanos também desempenha um papel significativo na manutenção da dependência.

Conforme desenvolvido no capítulo anterior, distintas vertentes teóricas surgiram a partir da teoria da dependência, e dentro desta perspectiva era natural que houvesse uma disputa pelas categorias. Wasserman (2017, p.111) assinala que, para os autores que se alinhavam ao intento de compreender a dependência latino-americana pelas lentes do marxismo, como Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Theotônio dos Santos e Gunder Frank, não bastava apenas explicar a relação de dominação e subordinação entre os países e propor possibilidades para a superação dessa condição. Esses autores tinham como objetivo compor um *corpus* teórico que, partindo do marxismo, fosse capaz de compreender o funcionamento particular das sociedades periféricas, não tendo exclusivamente como fundamento de análise as relações entre os países. Para tal, foi preciso a formulação de estratégias metodológicas que buscassem não só aproximar, mas também “adaptar as leis gerais do desenvolvimento capitalista à realidade dos países subdesenvolvidos”.

Sobre essa questão de método, Marini enfatiza a necessidade de situar o todo (sistema capitalista) e as partes (economia dependente) quando infere que:

> A tarefa fundamental da teoria marxista da dependência consiste em determinar a legalidade específica pela qual se rege a economia dependente. Isso supõe, desde logo, situar seu estudo no contexto mais amplo das leis de desenvolvimento do sistema em seu conjunto e definir os graus intermediários pelos quais essas leis se vão especificando. É assim que a simultaneidade da dependência e do desenvolvimento poderá ser entendida (MARINI, 2017, p.352).

2.3. Considerações de Vânia Bambirra sobre a TMD

Em conformidade com relação a questão do método, Vânia Bambirra defende que a diferenciação entre a Teoria Marxista da Dependência e as demais teorias da dependência advém, em um primeiro momento, justamente da questão metodológica:

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

> Acreditamos que os equívocos de muitas das interpretações sobre o processo de desenvolvimento latino-americano não se devem às limitações dos "dados disponíveis", mas decorrem fundamentalmente das deficiências das concepções metodológicas geralmente utilizadas, que produziram teorias cujo objetivo é, no fundo e mais que nada, justificar certo tipo de desenvolvimento em vez de tentar explica-lo (BAMBIRRA, 2013, p.37).

Conclui afirmando que "o problema que se apresenta para quem pretende tentar buscar uma nova interpretação do processo de desenvolvimento latino-americano é, inicialmente e sobretudo, de natureza metodológico-conceitual." (BAMBIRRA, 2013, p.37), e acredita, ainda, que seria preciso tentar redefinir todos os aspectos fundamentais que os enfoques tradicionais lançavam sobre a realidade latino-americana. Neste sentido, defende que é preciso buscar novas categorias analítico-explicativas capazes de contribuir para uma teoria da dependência, e não de uma nova teoria do desenvolvimento.

Nesse cenário de disputas, Bambirra acredita ser necessário partir da conceitualização da categoria *dependência*. Em suas palavras:

> Tratamos de redefini-la e utilizá-la como a categoria analítico-explicativa fundamental da conformação das sociedades latino-americanas e, através dela, procuramos definir o caráter condicionante concreto que as relações de dependência entre centro-hegemônico e países periféricos tiveram no sentido de conformar determinados tipos específicos de estruturas econômicas, políticas e sociais atrasadas e dependentes (BAMBIRRA, 2013, p.38).

Bambirra tinha, como marco teórico, o trabalho de Santos (1970), que caracteriza a dependência como uma situação condicionante, uma vez que para os autores tratava-se de uma situação em que um determinado grupo de países tem sua economia condicionada ao desenvolvimento e a expansão de uma outra economia à qual é submetido e, em consonância a Marx (2006), as ações e o comportamento dos homens tem seus limites e possibilidades determinados por uma situação condicionante, o que levava Santos (1970) a concluir que a dependência era responsável por condicionar uma determinada estrutura interna, sendo esta redefinida em função das possibilidades estruturais das distintas economias nacionais:

> (...) A relação de interdependência entre duas ou mais economias, e entre estas e o comércio mundial, assume a forma de dependência quando alguns países (os dominantes) podem expandir-se e auto impulsionar-se, enquanto que outros países (os dependentes) só podem fazê-lo como reflexo desta expansão, que pode atuar positiva e/ou negativamente sobre seu desenvolvimento imediato. De qualquer forma, a situação de dependência conduz a uma situação global dos países dependentes que os situa em atraso e sob a exploração dos países dominantes. (SANTOS, 2011, [1978], p. 361)

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

Outro tópico importante para Bambirra é tratar do que chama de “relação existente entre *situação de dependência e estrutura dependente*” (2013, p. 39). Explica que, apesar da *situação condicionante,* observada na formação e no desenvolvimento das sociedades latino-americanas, terem configurado uma mesma *situação de dependência* perante aos centros hegemônicos, era necessário estudar as manifestações históricas particulares, assim como os processos específicos das transformações das *estruturas dependentes* consolidadas no continente. Em um viés já metodológico, defende que, em um primeiro momento, contemplemos as características gerais das sociedades dependentes como um todo indiferenciado, em seguida julga necessário a diferenciação dos componentes internos essenciais por meio de uma aglutinação em *tipos.* Argumento que, por fim, justifica a necessidade da elaboração de uma tipologia das estruturas dependentes latino-americanas, justamente para que depois fosse possível estudar as características específicas e particulares de cada país. Essa tipologia tinha como corte temporal analítico o período do pós guerra, uma vez que, para Bambirra, a partir desse período se iniciava o que chamava de “uma nova fase do processo de integração dessas sociedades ao sistema capitalista *monopolista* mundial” (2013, p.40).

Ainda sobre as questões metodológicas, Bambirra conclui que a tipologia a ser elaborada é “histórico-estrutural”, uma vez que assume ser possível estudar as sociedades da América Latina apenas se estas forem consideradas, em suas palavras:

> a) Como parte integrante do sistema capitalista mundial, porque se formavam dentro do contexto de sua expansão. Nesse sentido, a economia mundial tem que ser tomada como determinante em última instância.
>
> A situação de dependência do sistema capitalista mundial (que se manifesta historicamente através da dependência em relação a um centro hegemônico) é uma situação condicionante do desenvolvimento das sociedades latino-americanas.
>
> b) Como resultado de um processo de redefinição estrutural, porque [...] a dependência condiciona a estrutura econômica que engendra os parâmetros das possibilidades estruturais (BAMBIRRA, 2013, p.40).

Considera mais adequada esta formulação da metodologia marxista, posto que dessa forma explicita “o significado do que são, como *condicionantes*, o *fator econômico* e a *dependência*” (2013, p.40). No entanto, isso não significa inferir que há um condicionamento absoluto, mas um condicionamento dos parâmetros onde se aglutinam diversas contradições, cujos próprios choques e interações geram “possibilidades históricas de ação e funcionamento aos setores e classes sociais” (2013, p.41), que se formam

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

justamente dentro desses parâmetros gerais, possibilitando opções de políticas econômicas e sociais. A autora ilustra essas constatações a partir do argumento de que, no século XIX, mesmo vigorando de forma geral, nos países latino-americanos, a vocação exportadora, alguns países conseguiram se tornar independentes antes de outros, implementando, inclusive, distintos regimes políticos, e em alguns casos houve até um despontamento industrial.

Quanto a justificativa do uso da expressão *histórico-estrutural*, Bambirra constata que:

> Usamos essa expressão com o objetivo de adequar a metodologia criada por Marx ao enfrentamento do estudo da problemática das sociedades dependentes latino-americanas, isto é, para tratar de explicar as leis de movimento de estruturas específicas, historicamente condicionadas. É por isso que acreditamos que a expressão histórico-estrutural é adequada, pois o nível de análise que pretendemos desenvolver, embora não se limite a nenhum país em particular, situa-se num nível muito mais concreto que o nível de análise sumamente abstrato realizado por Marx em O Capital (BAMBIRRA, 2013, p. 41).

A partir da exposição da concepção metodológica que orientou o trabalho de Bambirra, podemos adotar uma compreensão consistente do conceito de dependência, que a partir desse ponto de partida, permite-nos analisar as relações socioeconômicas complexas e interdependentes entre os países periféricos e os centros capitalistas dominantes, conforme a autora versa, “passa a ser incorporado como uma categoria analítico-explicativa fundamental do marxismo para a compreensão de países como os latino-americanos” (BAMBIRRA, 2013, p.42).

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

3. O DEBATE ENTRE VÂNIA BAMBIRRA E AGUSTÍN CUEVA

Neste capítulo, será abordado um debate significativo dentro do campo teórico da teoria da dependência, por meio da análise de dois estudiosos: Vânia Bambirra e Agustín Cueva. A intenção é explicitar o diálogo entre esses dois autores e suas contribuições para a crítica e o fortalecimento dessa teoria.

Para uma melhor compreensão, o capítulo será estruturado da seguinte forma: inicialmente, será apresentada uma breve trajetória de Vânia Bambirra e Agustín Cueva, destacando o momento em que suas perspectivas se cruzam e a partir desse encontro enriquecem o debate sobre a teoria da dependência. Pois apesar de inicialmente Cueva criticar a teoria de maneira mais geral, Bambirra destina um capítulo em *"Teoría de la dependencia:una anticrítica"* (1978) para responder diretamente aos apontamentos de Cueva.

Outro aspecto que justifica a escolha de abordar Vânia Bambirra, desde o último capítulo – que traz alguns importantes aspectos da construção da teoria marxista da dependência – surge não só a partir da relevância de suas contribuições dentro deste arcabouço teórico, mas também pelo fato de a pesquisadora ter pouco espaço dentro dos próprios estudos no Brasil (sendo ela uma teórica brasileira). Grande parte de suas obras não foram publicadas no país, uma vez que há diversas versões ao redor do mundo, principalmente em espanhol.

Em seguida, será enfocada a crítica de Cueva à teoria da dependência. Serão explorados os principais pontos de sua argumentação desenvolvida em "*Problemas y perspectivas de la teoría de la dependência"* (1974), nos quais ele questiona a abordagem economicista e nacionalista da teoria, destacando a necessidade de considerar as relações de classe e a exploração como elementos centrais para uma análise mais aprofundada da realidade latino-americana, proporcionando desse modo uma visão crítica e problematizadora, apontando para as limitações da teoria da dependência em sua forma tradicional.

Posteriormente, será apresentada a contra argumentação de Bambirra em relação às críticas de Cueva. Serão analisados os pontos em que ela defende a teoria da dependência como uma ferramenta válida para a compreensão das estruturas de dominação e exploração presentes na América Latina. Bambirra destaca a importância de

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

considerar as especificidades regionais e as relações de dependência em uma perspectiva ampla, que vá além das análises economicistas. Também assinala que Cueva atribui aos teóricos da dependência debilidades que não se comprovam em suas obras.

Por fim, serão abordadas as considerações posteriores de Cueva, em uma tréplica aos argumentos apresentados por Bambirra, que o autor desenvolveu em *"¿Vigencia de la "anticrítica" o necesidad de autocrítica? respuesta a Theotonio Dos Santos y Vania Bambirra*" (1979). Nesse momento, serão examinados os pontos em que Cueva retoma suas críticas, reforçando a necessidade de uma análise contextualizada da teoria da dependência.

Em suma, neste capítulo buscarei expor o debate entre Vânia Bambirra e Agustín Cueva no contexto da teoria da dependência. Por meio da investigação das críticas, contrapontos e considerações subsequentes desses acadêmicos, examinaremos as nuances e desafios presentes nessa teoria, com o intento de proporcionar uma compreensão mais ampla e aprofundada da economia política latino-americana.

3.1. Bambirra e Cueva, percursos e percalços

Agustín Cueva Dávila, renomado sociólogo marxista equatoriano, faleceu em decorrência de um câncer no dia 1º de maio de 1992 (COELHO PRADO, 1992; MALDONADO, 2006). Em um contexto em que os sonhos de uma transformação radical na América Latina pareciam desvanecerem e as utopias socialistas estavam em declínio de popularidade, Cueva permaneceu fiel às suas convicções políticas até o fim de sua vida. Embora nunca tenha sido filiado a um partido de esquerda, sua juventude marcada pela formação maoísta nunca o abandonou. Criticava a burocracia e o dogmatismo dos Partidos Comunistas latino-americanos, e se caracterizava por uma posição militante antitrotskista.

Maria Lígia Coelho Prado (1992) revela que, em 1989, a convite do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, durante uma de suas estadas no Brasil, Cueva trazia consigo um manuscrito que abordava o avanço e o sucesso crescente da direita no mundo. Esse tema passou a dominar suas preocupações intelectuais e políticas em seus anos finais. O título inicial do manuscrito, posteriormente chamado de "Tempos Conservadores", refletia as dificuldades que encontrava para publicá-lo em espanhol.

Cueva nascido em 1938, na cidade de Ibarra, Equador, pertencia a uma família politicamente influente de tendência liberal. Seu tio-avô ocupou a presidência da República e seu pai, Agustín Cueva Sanz, considerado um pioneiro da sociologia no Equador, foi

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

deputado na Assembleia em 1929, propondo diversas leis em benefício dos índios e trabalhadores pobres.

Cueva emergiu como líder do movimento estudantil equatoriano no final dos anos 1950. No entanto, sua trajetória acadêmica sofreu um revés quando foi expulso da Universidade Católica do Equador, onde estudava direito. Ele continuou seus estudos na Universidade Central do Equador e, em 1960, teve a oportunidade de obter uma bolsa para a Escola de Altos Estudos Sociais de Paris. Ao retornar ao Equador, Cueva desempenhou um papel fundamental como um dos fundadores do movimento cultural conhecido como tzánticos, cujas influências tiveram grande impacto na compreensão das artes e da realidade equatorianas.

Em 1967, Cueva fundou a Escola de Sociologia da Universidade Central do Equador, da qual foi diretor. Foi convidado várias vezes para ministrar cursos na Universidade de Concepción, no Chile e durante uma dessas visitas, em 1972, ocorreu o golpe militar no Equador, impedindo a provável eleição de Velasco Ibarra[14]. Por motivos políticos, a volta de Cueva ao seu país foi proibida e sua permanência como catedrático no Chile foi decidida. Contudo, o destino ainda reservava mais uma surpresa para ele, enquanto participava de um congresso no México, em setembro de 1973, Pinochet derrubou Allende do poder. A sequência desses eventos fatídicos determinou sua permanência no México. Entre 1973 e 1991, exerceu atividades docentes e de pesquisa na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), onde mais tarde viria a ser palco do entrave crítico que se desdobrou com Bambirra.

Tais circunstâncias fizeram com que Cueva, que anteriormente se dedicava ao estudo de seu país de origem, se transformasse em um intelectual que passou a refletir sobre a América Latina como um todo. A peregrinação pelas diferentes nações latino-americanas ampliou e tornou mais complexas suas indagações sobre política e cultura. Seguindo o caminho trilhado por muitos outros intelectuais de esquerda na América Latina nas últimas décadas, sua vivência diversificada mostrou-lhe a existência de problemas políticos e a busca por soluções comuns na região. Essa percepção justificou suas análises

[14] José María Velasco Ibarra (Quito, 19 de março de 1893 — Quito, 30 de março de 1979), político equatoriano, formado nas Universidades de Quito e Paris, foi uma figura dominante no cenário político do Equador por quatro décadas. Embora tenha sido eleito presidente em cinco ocasiões, concluiu apenas um mandato. Sua popularidade e sua tentativa de reforma agrária o levaram a enfrentar revoltas sociais, golpes militares e conspirações de seus ex-aliados políticos, tornando-se um símbolo da persistente instabilidade política do país. Seu último mandato, iniciado em 1968, foi interrompido por um golpe militar em 1972. Aos 84 anos, Velasco Ibarra recusou um convite para retornar do exílio e liderar um "sexto velasquismo", declarando: "renuncio a essa vaidade...".

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

abrangentes e reforçou sua convicção de que, apesar das diversas realidades, existe uma certa maneira particular de entender e produzir cultura no continente.

Para Coelho Prado (1992) produção acadêmica de Agustín Cueva pode ser dividida em dois momentos distintos. O primeiro momento abrange trabalhos que analisam a cultura e a política do Equador, como encontramos no livro "Entre la ira y la esperanza" de 1967, que discute temas relacionados à cultura nacional e uma série de ensaios sociológicos sobre literatura publicados de forma dispersa nas décadas de 60 e 70. Ensaios esses que foram posteriormente reunidos no livro "Lecturas y rupturas" em 1986. Vale destacar as análises sobre Jorge Icaza[15] e a literatura indigenista equatorianas presentes nessa primeira fase. Outra obra importante é "El proceso de dominación política en el Ecuador" de 1972, que representa uma análise histórica da luta pelo poder político no século XX e também um ensaio interpretativo sobre Velasco Ibarra, explorando a construção do mito em torno desse personagem. Considerado um clássico da sociologia equatoriana, esse livro contou com onze edições em espanhol e tradução para o inglês.

Agustín Cueva se tornou mais conhecido na América Latina por sua obra "El Desarrollo del Capitalismo en América Latina", que recebeu o Prêmio Ensaio Siglo XXI em 1977 e já alcançou a décima edição em espanhol (até o momento em que o artigo foi escrito pela autora), além de ter sido traduzido para japonês, holandês e português. Ainda em consonância com Prado (1992), esse livro, sem dúvida, se inspira em sua experiência na região andina, especialmente na Serra equatoriana, onde as relações de trabalho ainda mantêm formas tradicionais de organização. Através dessa obra, Cueva oferece uma análise do desenvolvimento do capitalismo na América Latina, empregando o conceito de acumulação primitiva do capital, que se aplica às sociedades latino-americanas. Sua interpretação implica uma crítica à teoria da dependência, mas ao mesmo tempo valoriza o conceito de imperialismo e enfatiza a luta de classes como temática central. Na época de sua publicação, o livro despertou polêmicas, gerando fervorosos defensores e críticos, além

[15] O escritor equatoriano, Jorge Icaza Coronel (Quito, 10 de junho de 1906 - Quito, 26 de maio de 1978) em destaque pertenceu à Geração de 1930, que trouxe inovações à prosa e à poesia equatorianas tanto em termos formais quanto temáticos, assim como os irmãos Arturo e Alejandro Peralta fizeram no Peru, ao recriarem esteticamente o indigenismo. Em 1933, publicou "El dictador", um drama crítico que foi censurado pelas autoridades. A partir desse momento, dedicou-se à literatura e lançou, em 1934, "Huasipungo", um romance que o consagrou como representante do indigenismo e rompeu com o romantismo anterior.
Ao invés de idealizar a população nativa ou imitar modelos espanhóis, como muitos de seus contemporâneos, esse escritor adotou um olhar não maniqueísta sobre a realidade, incorporando o léxico indígena em sua obra literária. Como precursor do realismo social, ele expôs os problemas sociais, revelou a violência presente no encontro entre colonizadores e colonizados, e criticou as classes médias formadas pelos mestiços. Outra obra significativa desse autor é "El chulla Romero y Flores" (1958).

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

de influenciar muitas interpretações historiográficas.

Publicou em 1979 o livro *Teoria Social y Procesos Políticos en América Latina*, que faz uma revisão crítica da sociologia marxista latino-americana das décadas de 60 e 70 e analisa os regimes militares do Brasil, Argentina, Uruguai e Chile, classificando-os como fascistas. Em 1987, publicou *Tempos Conservadores*, parte de um grande projeto de pesquisa, que trata do avanço da direita no mundo e da queda da esquerda. Esse livro foi lançado no Equador e posteriormente no Brasil, contendo artigos de diversos intelectuais. Cueva buscava denunciar o crescente conservadorismo mundial, situando a América Latina nesse contexto global.

O autor defendia que os intelectuais deviam ser politicamente engajados e acreditava que seu trabalho contribuiria para a causa do socialismo, que ele via como a melhor solução para os problemas sociais e econômicos da América Latina. Apesar de ter sofrido críticas por não se libertar do marxismo ortodoxo, sua obra teve grande repercussão no continente e ofereceu uma contribuição crítica para a história contemporânea da América Latina.

Prado (1992), que foi amiga pessoal de Cueva, deixou o seguinte registro sobre as qualidades humanas do autor:

> Antes de terminar, gostaria de fazer algumas referências pessoais a Agustín Cueva, pois, antes de tudo, era um querido amigo. Homem amável, generoso, um cavalheiro à moda antiga, com extraordinárias inquietação e curiosidade intelectuais, sempre aberto a conhecer novas experiências culturais. Seu casamento com Terezinha Bertussi, socióloga brasileira radicada no México, levou-o a incorporar o Brasil em sua reflexão sobre a América Latina, fato bastante raro entre os intelectuais hispano hablantes. Guardo de nossas conversas sobre o Brasil e o continente latino-americano, recordações muito vivas e afetuosas. (PRADO, 1992, p.205)

Agustín Cueva foi um brilhante defensor do pensamento marxista na América Latina, mantendo-se sempre crítico ao sistema capitalista em sua totalidade. Sua trajetória e obra exemplificam a tradição latino-americana de um pensamento que busca uma sociedade mais justa, igualitária e menos opressora. Apesar das oportunidades de obter cargos e honrarias junto ao governo equatoriano, ele optou por uma vida no exílio, mantendo sua integridade e coerência com seus ideais mesmo com a saudade do Equador sempre presente em sua vida. Cueva foi um exemplo para todos os intelectuais marxistas, viveu e lutou com suas próprias armas por aquilo em que acreditava.

Ao analisarmos a trajetória de Vânia Bambirra, deparamo-nos com desafios significativos para obter informações precisas sobre sua obra. Conforme abordado na

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

introdução do trabalho, Prado (2011, p.153-154) aponta que além da exclusão comum do "marxismo crítico latino-americano" nos debates acadêmicos, outros fatores contribuem para o desconhecimento de sua contribuição. No contexto brasileiro, o pensamento predominante em relação à teoria da dependência enfatiza os escritos de Fernando Henrique Cardoso como o consenso estabelecido, relegando frequentemente o pensamento de Bambirra ao esquecimento, mesmo em discussões específicas sobre o tema da dependência. Nas palavras de Prado (2011):

> "Marxismo", "crítico", "latino-americano": de fato, é uma tríade pouco agradável à nossa conservadora intelectualidade. Afinal, vinte anos de ditadura e censura – unidos ao histórico eurocentrismo que achaca nosso pensamento – deixaram profundas cicatrizes no campo ideológico, marcas difíceis de borrar, mas que apagam do conhecimento geral alguns nomes incômodos. Não surpreende, pois, que Vânia Bambirra seja um desses nomes que geram cara de interrogação quando pronunciados a um acadêmico atual de qualquer ciência social. PRADO (2011, p.153)

A escolha de Bambirra como foco desta monografia é motivada, em grande parte, justamente pelo seu relativo anonimato e apagamento no cenário intelectual brasileiro. Essa constatação desperta a necessidade de investigar e dar visibilidade a uma figura de relevância que foi negligenciada ou subestimada no contexto acadêmico brasileiro. Explorar a trajetória e as contribuições de Bambirra permite preencher uma lacuna e ampliar o conhecimento sobre seu trabalho, que merece ser reconhecido e valorizado dentro do contexto das ciências sociais. Ao destacar a importância da autora, busca-se não apenas resgatar sua relevância histórica, mas também promover uma reflexão crítica sobre as dinâmicas de reconhecimento e visibilidade intelectual no país.

Prado (2011), explicita de forma crítica o fenômeno que atinge a autora dizendo que:

> Talvez a palavra que melhor descreva seu percurso intelectual no Brasil seja o *ninguneo*, expressão em espanhol derivada do verbo *ningunear*, que seria fazer que alguém se torne ninguém, ignorando sua existência. Por certo, vários intelectuais críticos são *ninguneados* pelos bem-pensantes da academia, e a Vânia está entre eles, não obstante sua densa obra e seu exemplo de intelectual militante. (PRADO, 2011, p.154)

Vânia, nascida em 1940 na cidade de Belo Horizonte, foi uma figura notável que deixou sua marca como militante e intelectual. Além de sua atuação engajada nos movimentos estudantis e políticos, ela também se destacou por sua sólida formação acadêmica. Inicialmente, Vânia formou-se em Sociologia e Administração Pública pela

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde teve a oportunidade de aprofundar seu conhecimento sobre as ciências sociais e as políticas públicas.

Conforme levantado por Prado (2011), durante seus anos de graduação, a autora participou ativamente dos debates e controvérsias da época, envolvendo-se com questões como o nacional-desenvolvimentismo promovido pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)[16] e os estudos econômicos da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL). Esses debates proporcionaram a ela uma base sólida de conhecimento e um senso crítico aguçado, que se tornariam características marcantes de sua trajetória intelectual.

Além disso, a influência da Revolução Cubana na esquerda latino-americana teve um impacto significativo em Vânia Bambirra, fortalecendo sua visão crítica em relação ao etapismo e ao dualismo presente nas análises do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Foi nesse contexto de efervescência política e intelectual que, em 1961, a Organização Revolucionária Marxista - Política Operária (POLOP)[17] surgiu, buscando desafiar o monopólio do Partido Comunista Brasileiro e criar as condições para o surgimento de um partido revolucionário genuíno.

Ao lado de intelectuais, como Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, então com 21 anos, participou da fundação da POLOP e se dedicou ativamente à militância nessa organização até sua saída do Brasil, em 1966. A formação acadêmica sólida aliada ao engajamento político contribuiu para moldar a trajetória de Vânia Bambirra como uma intelectual militante comprometida com a transformação social e com uma visão crítica da realidade brasileira.

---

[16] O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) foi um órgão autônomo criado em 1955, no Rio de Janeiro, com o propósito de estudar, ensinar e divulgar as ciências sociais, como filosofia, sociologia, economia e política, aplicando-as à compreensão da realidade brasileira. Vinculado ao Ministério de Educação e Cultura, o ISEB desfrutava de liberdade de pesquisa, opinião e ensino. Teve papel importante na discussão do desenvolvimentismo durante o governo de Juscelino Kubitschek, porém, após o golpe militar de 1964, foi extinto e muitos de seus membros, conhecidos como *isebianos*, foram exilados do Brasil.

[17] A POLOP foi uma organização política revolucionária formada em 1961, composta principalmente por ex-membros da Liga Socialista, trotskistas e comunistas. Sua intenção era criar as condições para o surgimento de um partido revolucionário da classe operária no Brasil. A POLOP destacou-se por suas análises críticas sobre o desenvolvimento da sociedade brasileira e teve influência sobre outros grupos marxistas. Após o golpe militar de 1964, a organização foi dissolvida, e muitos de seus membros foram exilados.
Após sua formação, a POLOP buscou escapar da polarização entre trotskismo e stalinismo, contestando a hegemonia do Partido Comunista Brasileiro (PCB). A organização defendia a ideia de uma revolução liderada pelos trabalhadores urbanos e rurais, que não apenas completaria as tarefas não cumpridas pela burguesia, mas também criaria as condições para a transição ao socialismo. No entanto, a POLOP enfrentou crises internas e cisões ao longo dos anos, perdendo membros e influência.
Após uma breve retomada em 1970, com foco na politização da classe operária, a POLOP acabou enfraquecendo e dando origem a novos grupos, como por exemplo, o Partido Operário Comunista (POC) formado pela dissidência leninista decidiram, em 1968.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

A trajetória de Vânia Bambirra na Organização Revolucionária Marxista - Política Operária (POLOP) foi marcada por diversas atuações significativas, destacando-se sua contribuição na área da formação política. A autora desempenhou um papel importante ao ministrar cursos em Associações de Moradores de favelas de Belo Horizonte, promovendo a conscientização política e o engajamento das comunidades locais. Mais tarde, ela também se aproximou das Ligas Camponesas, estabelecendo uma conexão entre sua prática transformadora e seu estudo sobre a questão agrária no Brasil.

A importância dessa experiência na POLOP se reflete em sua dissertação de mestrado, realizada na recém-fundada Universidade de Brasília (UnB). Nessa pesquisa, aprofundou sua análise sobre a questão agrária no país, combinando teoria e prática em seus estudos. Além de sua atuação acadêmica, ela também assumiu o papel de professora na universidade, compartilhando seu conhecimento e engajando-se na formação de novos estudantes.

Outro marco significativo na vida de Vânia Bambirra foi sua visita a Cuba em 1963, como representante da POLOP. Durante essa viagem, ela teve a oportunidade de conhecer pessoalmente Ernesto Che Guevara e testemunhar de perto a realidade em transformação que ocorria no país, o que acrescentou uma perspectiva concreta e inspiradora ao seu trabalho.

Ainda de acordo com Prado (2011, p.155), Bambirra retorna ao Brasil, e a UnB, seguindo com seu trabalho até o fatídico golpe militar de 1964. Após o golpe, passa a viver clandestinamente em São Paulo, junto com seu companheiro Theotônio dos Santos, por dois anos. Durante esse período, ela continua atuando na POLOP até o ano de 1966, quando então ela rompe com a organização devido a divergências em relação à viabilidade da luta armada.

Nesse mesmo ano, Vânia se muda para o Chile, onde inicialmente trabalha no Centro de Pesquisa de Opinión Pública, sendo posteriormente convidada para se tornar professora no Centro de Estudos Socioeconômicos (CESO) da Universidad de Chile.

PRADO (2011, p.156 – 157) relata que, durante os anos em que esteve no Chile, a autora participou de intensas atividades no Centro de Estudos Socioeconômicos (CESO), onde se encontraram outros intelectuais renomados, como Andre Gunder Frank e Ruy Mauro Marini. Esse contexto de efervescência política e intelectual no início da década de 1970 foi o cenário no qual Vânia Bambirra escreveu seu livro mais conhecido, "El capitalismo dependiente latinoamericano", publicado em 1972 em Santiago e

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

posteriormente editado pela Siglo XXI no México.

Nessa obra, que até hoje não foi traduzida para o português, recapitulando o que foi detalhado na última seção, a autora define dois principais tipos de estrutura dependente: o tipo A, formado por países cujo processo de industrialização começou a partir das últimas décadas do século XIX, e o tipo B, composto por países onde esse processo ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, com controle direto do capital estrangeiro. Com base nessa divisão, ela demonstra que em apenas seis países latino-americanos - México, Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e Colômbia - surgiu uma burguesia industrial nacional que desenvolveu seu próprio projeto de desenvolvimento e o apresentou à sociedade, resultando no fenômeno do populismo.

Bambirra também analisa como, a partir da década de 1950, no contexto da integração monopolista mundial, os investimentos estrangeiros diretos no setor manufatureiro desses países desnacionalizaram a propriedade privada dos meios de produção. Dessa forma, as burguesias nacionais se tornaram "sócias-menores" das empresas multinacionais, abandonando as bandeiras anti-imperialistas e nacionalistas-populistas. Esse processo culminou nos anos 1960 e 1970 com golpes de Estado e o aumento das tensões sociais.

No desfecho do livro, Bambirra analisa as principais contradições do capitalismo dependente em cada tipo de estrutura e conclui que a resolução dessas contradições não tinha espaço dentro do próprio sistema capitalista. Ela aponta uma tendência de novos golpes e aumento da repressão, em contraste com a alternativa socialista. Essa obra se consagrou uma referência importante no estudo do capitalismo dependente na América Latina, porém, mesmo com sua relevância, ainda carece de uma tradução para o português (por razões também trabalhadas anteriormente), limitando seu alcance no Brasil.

Vânia Bambirra enfrentou novamente a repressão em relação à publicação de outros livros importantes em sua carreira. Um exemplo é a antologia que organizou sobre os movimentos revolucionários na América Latina, intitulada "Diez años de insurrección en América Latina". Publicado em 1971 no Chile e em 1973 na Itália, o livro apresenta uma visão abrangente sobre a ascensão e o declínio do movimento revolucionário na região. Apesar de contar com contribuições de intelectuais e militantes, muitos deles escrevendo com pseudônimos, o livro teve pouca circulação.

Outra obra significativa foi escrita entre 1972 e 1973, abordando a Revolução Cubana. Interessada em compreender as possíveis características da transição socialista

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

na América Latina, ela se dedicou a um estudo aprofundado sobre a experiência concreta vivida em Cuba. Utilizando um valioso material fornecido por cubanos que estavam no Chile, escreveu "La Revolución Cubana: una reinterpretación". Considerando-o seu trabalho mais bem-sucedido, o livro foi impresso, mas sua distribuição foi interrompida devido à invasão da editora Prensa Latinoamericana e à queima de todo o material após o golpe militar. Os escritos foram salvos graças a um ex-aluno de Bambirra, Frank Teruggi, que conseguiu enviar um exemplar do livro para Paul Sweezy, editor da *Monthly Review*[18], antes de ser assassinado pela ditadura de Pinochet. Embora tenha sido publicado em Portugal e no Japão, o livro também nunca foi editado no Brasil.

Conforme Prado (2011, p.157 – 158), após o golpe militar, Vânia e sua família, precisaram deixar para trás todos os seus pertences e seguirem para o Panamá, permaneceram lá por cinco meses, antes de partirem para um segundo exílio no México, onde foi acolhida pela UNAM e contratada pelo Instituto de Investigaciones Sociales.

Durante esse período, além de participar de debates sobre a dependência econômica, Vânia continuou aprofundando seus estudos sobre a transição socialista, voltando-se para a leitura rigorosa de Marx, Engels e Lenin. Essa pesquisa, de acordo com o autor, tinha dois objetivos principais: analisar profundamente o pensamento desses autores sobre a estratégia e a tática socialista, ou seja, a concepção de revolução; e expor de maneira rigorosa e sistemática o pensamento desses e de outros autores sobre a transição. Desse esforço, surgiu inicialmente o livro "La estrategia y la tática socialistas – de Marx y Engels a Lenin", escrito em conjunto com Theotônio dos Santos, mas que (mais uma vez) nunca foi publicado em português. Posteriormente, esses estudos serviram de base para sua tese de doutorado intitulada "La Teoría del Socialismo en los clásicos: Karl Marx, Federico Engels e Vladimir Ilich Lenin", que foi publicada no Brasil em 1992 pela Editora da UnB com o título "A teoria marxista da transição e prática socialista".

Essas obras representam uma valiosa contribuição para as novas gerações que buscam compreender as lições do marxismo clássico, especialmente em um contexto em que o pós-modernismo tentou relegar Marx e a história ao esquecimento. Parte da motivação para escrever sua tese foi a necessidade de se contrapor ao eurocomunismo, que emergia no início dos anos 1980. Os livros de Bambirra fornecem uma análise crítica

[18] A *Monthly Review* é uma revista socialista independente fundada em 1949 na cidade de Nova York. É a revista socialista de maior duração nos Estados Unidos. A publicação foi possível graças ao apoio financeiro de F.O. Matthiessen e à orientação editorial de Paul Sweezy e Leo Huberman. Inicialmente com uma circulação de 450 exemplares, a revista conquistou rapidamente assinantes, atingindo uma circulação paga de 6.000 exemplares em 1954.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

e uma defesa robusta da teoria marxista da transição e da prática socialista, em contraposição às tendências intelectuais que negavam a importância do marxismo.

Com o ímpeto de retornar às atividades docentes, Vânia presta um concurso na Faculdade de Economia da UNAM. Durante o processo seletivo, além da prova docente e do currículo, os candidatos também eram solicitados a escrever uma monografia que era limitada em páginas sobre um tema específico, nesse caso, a teoria da dependência.

No seu trabalho, Bambirra aborda as limitações de três críticas direcionadas à teoria da dependência: as críticas feitas pelo próprio Agustín Cueva, membro da banca de avaliação, por Enrique Semo, chefe do programa de pós-graduação em Economia da UNAM na época, e por Octavio Rodriguez, que estava associado à CEPAL. Essas divergências acadêmicas foram amplamente debatidas, e Bambirra foi aprovada de maneira bem-sucedida no concurso. Posteriormente, esse trabalho foi publicado em forma de livro no México em 1977 pela editora ERA, com o título "Teoría de la dependencia: una anticrítica". Nessa obra, que será detalhada mais a frente nesse trabalho, Bambirra contra argumenta as críticas recebidas pela teoria da dependência. Importante ressaltar que, essa foi mais uma obra da autora que até o presente momento não conta com uma edição brasileira.

O autor segue de forma cronológica e relata que, em 1979, Bambirra novamente visita a Cuba, aproveitando então essa oportunidade para entrevistar vários intelectuais ligados à área da cultura. Essas entrevistas foram publicadas em um jornal mexicano e posteriormente compiladas no livro "Cuba: 20 anos de cultura", que foi publicado no Brasil em 1983 pela Editora Huitec, com o apoio de Florestan Fernandes.

Durante seu exílio no México, Bambirra produziu uma série de frutos intelectuais, que ainda necessitam ser resgatados e analisados criticamente pelas novas gerações no Brasil. Além de suas atividades acadêmicas, ela continuou a se engajar politicamente. A partir de seu contato com Leonel Brizola, líder trabalhista, no Chile em 1968, Bambirra se envolveu com o PDT (Partido Democrático Trabalhista) desde sua fundação.

Seu retorno definitivo ao Brasil ocorre então no mês de março de 1980. Inicialmente, ela foi convidada para lecionar na Universidade Católica em Belo Horizonte. Empolgada com um amplo projeto de pesquisa e ensino desenvolvido em colaboração com Theotônio dos Santos, Bambirra permaneceu na Católica, apesar de receber convites para lecionar na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). No entanto, esse período foi breve, pois houve uma mudança na reitoria da Católica que resultou no cancelamento do programa de

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

pós-graduação que Bambirra e Dos Santos haviam iniciado.

Após seu retorno ao Brasil, continuou sua militância política, agora em Minas Gerais. Em 1981, escreveu um documento intitulado "Os programas dos partidos políticos do Brasil", que foi enviado a Leonel Brizola e posteriormente publicado pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Sobre este documento PRADO (2011) escreve que:

> Neste trabalho, tal como relata no Memorial, ela “tratava de analisar e comparar os programas dos partidos políticos que foram registrados no país, tarefa importante num ambiente onde, devido ao baixo nível de cultura política, poucos são os que conhecem efetivamente as diretrizes programáticas das agremiações.” PRADO (2011, p.159)

Em 1983, após as eleições regionais em Minas Gerais, Bambirra mudou-se para o Rio de Janeiro. Foi então indicada por Darcy Ribeiro para dirigir a revista teórica do PDT, porém, mesmo após a montagem e realização do projeto, a revista não obteve o sucesso esperado.

Já no ano de 1984 Bambirra e Theotônio escreveram o artigo "O Estado no Brasil: de João Goulart a João Figueiredo", publicado posteriormente na coleção "América Latina: história de medio siglo". Durante a década de 1980, Bambirra trabalhou na FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) e na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro, além de atuar na Fundação Escola de Serviço Público. Ela também elaborou e dirigiu, em parceria com Ruy Mauro Marini, a revista Terra Firme, patrocinada pela Editora Cadernos do Terceiro Mundo.

No final de 1987, Vânia Bambirra deixa seu cargo na Secretaria no Rio de Janeiro e é reintegrada à Universidade de Brasília, como professora no Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais. Durante a década de 1990, ocupou o cargo de Chefe da Assessoria Técnica do PDT na Câmara dos Deputados.

Em 2000, Bambirra decidiu se desvincular do PDT e pouco depois retornou ao Rio de Janeiro, onde residiu até seu falecimento em 9 de dezembro de 2015, mantendo-se até o fim de seus dias ativa em suas atividades intelectuais e políticas.

Prado (2011) finaliza o artigo sobre a vida e obra de Vânia, apresentando um breve, porém poderoso, resumo que recapitula os pontos discutidos e expõe de maneira assertiva os motivos que influenciaram diretamente para a escolha dessa importante intelectual como perspectiva fundamental e integrante deste trabalho de conclusão de curso. Expressa que:

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

> Em suma, a vida e obra da Vânia Bambirra estão imbricados no marxismo crítico latino-americano. Tarefa fundamental é resgatar seu pensamento hoje a partir de uma leitura sempre crítica e também prospectiva, ou seja, tomando seus pontos valiosos e superando os traços enraizados em seu contexto. Para isso é preciso agir como escritor, ter algo de detetive, buscar essas referências escondidas, ler e estudar suas obras, que, apesar de silenciadas ou *ninguneadas* pelo pensamento estabelecido, teimam em voltar à tona, chamadas pela própria realidade. PRADO (2011, p.160)

3.2. Cueva, muitas críticas de *"una sola plumada"*

Na última seção, foi abordado o encontro entre Bambirra e Cueva na UNAM, no qual Bambirra apresentou pessoalmente sua contra argumentação às críticas desferidas por Cueva. Agora, nesta seção, o objetivo é apresentar de forma mais detalhada as críticas elaboradas por Agustín Cueva em relação à teoria da dependência, com um enfoque especial na vertente marxista dessa teoria.

As obras de Agustín Cueva desempenham um papel fundamental na análise crítica da teoria da dependência na economia política latino-americana, o que refletiu nas palavras da própria Bambirra, que escreveu que o autor foi aquele que fez "o esforço mais sério para questionar as teses da teoria da dependência" (BAMBIRRA, 1978, p. 41). Ao examinar as limitações e as lacunas dessa abordagem, Cueva lança luz sobre questões importantes que requerem maior consideração e aprofundamento.

A crítica de Agustín Cueva à teoria da dependência, conforme apresentada no texto "Problemas y perspectivas de la teoría de la dependência*"* (1974), revela uma perspectiva ampla e abrangente sobre essa corrente de pensamento de esquerda na América Latina. Cueva ressalta que, para compreender plenamente os principais pressupostos e a evolução complexa da teoria da dependência, é necessário considerar duas perspectivas fundamentais que moldaram seu surgimento.

Cueva (1974) versa que, a teoria da dependência surge em um primeiro momento como uma vigorosa impugnação à sociologia burguesa e suas interpretações do processo histórico latino-americano. Posto que, se contrapõe a teorias como o dualismo estrutural, o funcionalismo em suas diversas variantes e as correntes desenvolvimentistas. A crítica incisiva a essas perspectivas dominantes desempenha um papel crítico positivo, desafiando os paradigmas estabelecidos e proporcionando uma orientação alternativa para a sociologia universitária na América Latina. Ao destacar essa função crítica, ressalta a importância da teoria da dependência como um contraponto à visão convencional e como

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

uma ferramenta essencial para se repensar a realidade socioeconômica da região.

Por outro lado, também enfoca o conflito existente entre a teoria da dependência e o que ele denomina de "marxismo tradicional". Esse embate indica que a teoria da dependência vai além das formulações convencionais do marxismo e desenvolve suas próprias perspectivas teóricas e conceituais. Isso implica que a teoria da dependência não apenas incorpora elementos do marxismo clássico, mas também busca adaptar e aplicar essas ideias à realidade específica da América Latina. Essa abordagem única e contextualizada amplia o campo de estudos e gera debates significativos no âmbito intelectual e acadêmico. Em seu parágrafo inicial do texto sintetiza o que foi explanado inferindo que:

> La teoría de la dependencia, al menos en su vertiente de izquierda, que es la que aquí nos interesa analizar, nace marcada por una doble perspectiva sin la cual es imposible comprender sus principales supuestos y su tortuoso desarrollo. Por una parte, surge como una violenta impugnación de la sociología burguesa y sus interpretaciones del proceso histórico latinoamericano, oponiéndose a teorías como la del dualismo estructural, la del funcionalismo en todas sus variantes y, por supuesto, a las corrientes desarrollistas. Con esto cumple una positiva función crítica, sin la cual sería imposible siquiera imaginar la orientación actual de la sociología universitaria en América Latina. Por otra parte, emerge en conflicto con lo que a partir de cierto momento dará en llamarse el "marxismo tradicional". (CUEVA, 1974, p. 83)

Em Cueva (1974, p.84 – 85), temos que a teoria da dependência apresenta uma originalidade paradoxal, pois parte de uma interseção de perspectivas que leva à crítica tanto das correntes burguesas quanto do marxismo-leninismo. Para o autor, essa crítica ao marxismo-leninismo é impregnada de desenvolvimentismo e concepções provenientes das ciências sociais burguesas. Como exemplo o autor cita o debate sobre feudalismo e capitalismo na América Latina, que foi objeto de muita discussão e confusão teórica. Discorre que esse debate, aparentemente situado no âmbito do marxismo, foi travado entre Gunder Frank e Luis Vitale e a "esquerda tradicional". Porém, para Cueva (1974, p.84), as teses formuladas por esses autores só seriam compreensíveis ao abandonar a teoria marxista, ignorando *O Capital* e adotando uma perspectiva da economia e da historiografia não marxistas. Ao definir o capitalismo como uma economia monetária e o feudalismo como uma economia de trocas ou, no máximo, como uma economia "aberta" ou "fechada", não restam dúvidas de que o capitalismo se estabeleceu de forma plena e profunda na América

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

Latina desde o seu surgimento. E sobre a constatação do que expos, versa que:

> Para demostrarlo, ni siquiera era menester realizar nuevas investigaciones históricas —y en efecto, nadie se tomó el trabajo de hacerlas—; bastaba retomar los materiales proporcionados por la historiografía existente y demostrar que en el período colonial hubo moneda y comercio. Se podía seguir, en suma, aunque no sin caricaturizarlo, un razonamiento análogo al que permite a Pirenne afirmar la existencia de capitalismo en la Edad Media, a partir del siglo XII por lo menos. (CUEVA 1974, p.84)

Para o autor essa crítica às correntes burguesas e ao marxismo-leninismo carregavam uma carga ideológica proveniente do desenvolvimentismo e das concepções das ciências sociais burguesas.que indentifica na teoría como um “mesianismo cuya lógica política resulta, además, imposible de entender; a menos de tomarla como lo que en realidad fue: una ilusión de intelectuales” (CUEVA, 1974, p.84-85). Sobre esse debate, trouxe que:

> Las que aparecían entonces como nuevas líneas revolucionarias en América Latina, esto es, el castrismo y el maoísmo, se habían constituido desde luego con mucha anterioridad al "descubrimiento" del carácter no feudal de la Colonia; y, en cuanto a la táctica de frentes populares que se quería impugnar, era obvio que no iba a derrumbarse con el solo retumbar de estas nuevas trompetas de Jericó. El frente que se formó en Francia en 1936, por ejemplo, no necesitó hablar de feudalismo para sustentarse. (CUEVA, 1974, p.85)

O autor então segue a crítica, (1974, p.84), estabelecendo que a primeira grande contradição da teoria da dependência reside em seu caráter paradoxal de se constituir como um "neomarxismo" à margem de Marx, “desde su cuna”. Discorre que essa ambiguidade conceitual exerceu uma influência profunda na orientação da sociologia latino-americana contemporânea, conduzindo a teoria a um impasse intelectual do qual ainda não se libertou. Uma vez que, para ele, essa posição dúbia enfraquece inclusive as críticas direcionadas às teorias burguesas do desenvolvimento e subdesenvolvimento, pois os próprios críticos acabam aprisionados em suas premissas teóricas. Exemplifica o que foi dito na seguinte passagem:

> Es lo que ocurre con Gunder Frank, por ejemplo, quien en su ensayo "La sociología del desarrollo y el subdesarrollo de la sociología", por lo demás muy meritorio, entabla una descomunal batalla con los discípulos de Parsons, destinada a saber dónde existen pautas más "universales" de comportamiento, si en los países desarrollados o en los subdesarrollados;5 embarcándose en una polémica barroca de la que ni siquiera es seguro que resulte vencedor. Después de todo, la mistificación de los parsonianos no radica en el hecho de encontrar en los países

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

> subdesarrollados orientaciones de conducta, que en realidad pueden darse en áreas donde el modo de producción capitalista aún no se ha desarrollado suficientemente; sino en sustituir el análisis de las estructuras por el de sus efectos más superficiales y presentar a éstos como las determinaciones últimas del devenir social. CUEVA (1974, p.85)

Em seguida, o debate em torno do dualismo estrutural é explorado com mais detalhes, revelando como muitas vezes ele acaba caindo na armadilha de simplesmente recriar um dualismo com sinais invertidos. Isso significa que a formulação e os elementos básicos da análise não se alteram, apenas os papéis desses elementos são trocados. O autor aponta que, um exemplo dessa inversão dualista pode ser encontrado nas “Sete teses equivocadas sobre a América Latina" de Rodolfo Stavenhagen, onde os setores "tradicional" e "moderno" ainda são apresentados como unidades analíticas fundamentais. No entanto, agora é o setor "moderno" que é apontado como o responsável pelo atraso, em contraste com a visão anterior em que o setor "tradicional" era considerado o principal culpado. Além disso, a teoria do colonialismo interno também é criticada por dificultar a análise de classe e levar a conclusões questionáveis, conforme o autor:

> Por eso, la misma teoría del colonialismo interno, al menos tal como es presentada en las Siete tesis…, dificulta el análisis de clase en vez de facilitarlo; conduciendo, además, a conclusiones sumamente cuestionables como aquella de la séptima tesis, en donde se formula la inviabilidad de la alianza obrero-campesina en Latinoamérica, aduciendo que "la clase obrera urbana de nuestros países también se beneficia con la situación de colonialismo interno". CUEVA (1974, p.86)

Essas críticas apontam para a necessidade de superar os dualismos simplistas e buscar abordagens mais complexas e abrangentes para entender as dinâmicas sociais e econômicas da América Latina. Infere que:

> El propio autor parece haber sentido las limitaciones de este tipo de enfoque, por lo que reformulará posteriormente su tesis del colonialismo interno en términos de combinación de modos de producción,7 retomando de esta manera uno de los conceptos centrales del marxismo clásico, que en las Siete tesis... aparecía más bien catalogado como una sofisticada variante del dualismo estructural. (CUEVA, 1974, p.86)

Cueva (1974, p.87) diz que é possível observar nos trabalhos de Stavenhagen e Frank a presença de um esquema que apresenta uma abordagem diferente em relação à exploração e às contradições de classe. Nesses estudos, essas contradições são substituídas por um sistema de contradições nacionais e regionais indeterminadas, e essa indeterminação acaba levantando sérias questões quando analisada sob a ótica marxista. Em vez de questionar apenas se o modelo proposto por Frank é compatível ou não com

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

uma análise de classe, é crucial destacar que em ensaios como "Chile: el desarrollo del subdesarrollo", a luta de classes está simplesmente ausente. Isso é intrigante, considerando que, de acordo com o conhecimento disponível, a história do Chile não parece ser carente desse aspecto, inclusive pelo contrário. Essa ausência da luta de classes nesses estudos gera dúvidas sobre a abordagem adotada e sua capacidade de fornecer uma compreensão completa e precisa das dinâmicas sociais e econômicas.

Em outras palavras, para o autor, a teoria da dependência tende a enfatizar as divisões entre países e regiões, muitas vezes adotando uma perspectiva nacionalista, em detrimento da análise das contradições de classes como a principal força motriz das desigualdades e relações de poder. A inadequada aplicação da dialética é responsável por esse cenário, no qual a contradição entre países dependentes e estados imperialistas não é adequadamente abordada no nível teórico apropriado. É importante ressaltar que essa contradição histórica entre países dependentes e estados imperialistas realmente existe e negá-la seria absurdo. No entanto, devido à falta de uma análise adequada, essa contradição é considerada uma derivação de uma contradição maior, a das classes sociais, que assume o papel principal apenas em certas condições.

Outro problema levantado por Cueva sobre a teoria, era que apesar de se posicionar em contraposição aos teóricos desenvolvimentistas, esses modelos ainda estão inseridos no campo problemático estabelecido, justamente, pelo paradigma desenvolvimentista e, portanto, presos à sua perspectiva economicista. Conforme abordado anteriormente, os desenvolvimentistas dos anos 60 formularam suas perguntas com uma carga ideológica, evitando a questão central da exploração de classe e reduzindo a problemática ao simples desenvolvimento indeterminado das forças produtivas. Defendiam que era possível alcançar um desenvolvimento equilibrado, harmonioso e livre de crises dentro do sistema capitalista. No entanto, não fazia sentido para um marxista, formular as mesmas perguntas sem antes desconstruir e reconstruir toda essa problemática. O autor menciona a fórmula do "desenvolvimento do subdesenvolvimento" proposta por Frank, que envolvia a continuidade na mudança, mas foi considerada uma concepção não dialética por Theotonio dos Santos. Essa fórmula acabava representando um mito, pois em vez de introduzir uma dimensão histórica na análise, suprimia a história de forma simplista.

CUEVA (1974, p.89 - 91), discorre sobre o que identifica como, uma interpretação equivocada atribuída a Lenin por Theotonio dos Santos. O autor argumenta que Lenin não afirmou que as exportações de capital levariam ao crescimento econômico dos países

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

atrasados, mas sim que esses investimentos resultariam em um rápido desenvolvimento do capitalismo, que se estenderia e se aprofundaria globalmente. Defende que, desde 1916 até a época em que Dos Santos escreveu seu trabalho em 1969, houve, de fato, uma expansão e aprofundamento do capitalismo na América Latina, inclusive com o desenvolvimento das forças produtivas. O autor reconhece que esse desenvolvimento foi desigual e crítico no sistema como um todo e nos países subdesenvolvidos em particular, resultando na pauperização relativa e, às vezes, absoluta das massas trabalhadoras. No entanto, para Lenin, essas desigualdades e pauperização são partes intrínsecas do próprio conceito de desenvolvimento do capitalismo. Destaca que Dos Santos adota uma perspectiva diferente, na qual a dependência é vista como o principal obstáculo para um desenvolvimento mais acelerado e harmonioso na América Latina. Dessa forma, para ele, Dos Santos reconceitualiza a modernização como um elemento de perpetuação do atraso, ao considerar o atraso não em relação à situação existente, mas em relação a uma situação ideal de desenvolvimento independente do capitalismo na América Latina. Temos sobre essa constatação o seguinte trecho:

> Lo que sucede es que Dos Santos se ubica en una perspectiva diferente, que involucra necesariamente la idea de que, a no ser por la dependencia, América Latina hubiera tenido un desarrollo mucho más acelerado y armonioso del que en realidad tuvo. Admite que hubo una "modernización", pero ella misma es reinterpretada como elemento de perpetuación del atraso, en la medida en que éste no es definido en relación con una situación existente en el momento dado, sino en relación con una situación virtual: el desarrollo independiente del capitalismo en América Latina. (CUEVA, 1974, p.91)

Dessa forma, para Cueva (1974, p.92), os autores da teoria da dependência nutriam uma certa nostalgia pelo desenvolvimento capitalista autônomo que foi frustrado, o que denotava uma inclinação ideológica nacionalista constante e centrava a dependência como dimensão predominante, se não a única, da análise. Porém, ressalta que isso não significava que eles tenham defendido o desenvolvimento capitalista autônomo como a solução para todos os nossos problemas. Ao passo que para o nacionalismo reformista esse tipo de desenvolvimento ainda era visto como o caminho mais rápido para essa Terra Prometida, ou esse desenvolvimento como horizonte utópico, para o nacionalismo revolucionário, era apenas um paraíso irremediavelmente perdido.

O autor destaca mesmo com esse viés desenvolvimentista ou nacionalista, reconhecia contribuições da teoria:

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

> La presencia de este trasfondo desarrollista o nacionalista no anula, por supuesto, la validez de muchos análisis concretos, ni resta mérito a investigaciones como la del propio Theotonio dos Santos en El nuevo carácter de la dependencia, hito notable en el desarrollo de nuestra sociología, que sólo citamos a título de ejemplo, ya que no es nuestra intención repartir premios y castigos ni hacer historia, sino solamente señalar, con la mayor franqueza y precisión, algunos puntos de discrepancia con respecto a la corriente sociológica más vigorosa y difundida en la última década. (CUEVA, 1974, p.93)

Contudo, acrescenta apontando outro problema da teoria quanto as definições conceituais:

> Entre los problemas que esta corriente presenta está, naturalmente, el derivado del uso totalitario de los conceptos *dependencia y dependiente*, cuyos límites de pertinencia teórica jamás han logrado ser definidos y cuya insuficiencia teórica es notoria, sobre todo cuando se trata de elaborar vastos esquemas de interpretación del desarrollo histórico de América Latina. (CUEVA, 1974, p.93)

Enfatiza que o desenvolvimento histórico das sociedades latino-americanas no século XIX, de fato, só pode ser adequadamente compreendido levando em consideração sua articulação com a economia mundial, e quanto a essa realidade, os estudos sobre dependência trouxeram uma contribuição significativa para o entendimento. No entanto, apontada para as limitações explicativas do conceito de *dependência*, especialmente quando conceitos fundamentais *como forças produtivas, relações sociais de produção, classes* e *luta de classes* são deixados de lado ou substituídos por categorias ambíguas como *expansão externa, colônias de exploração* ou *povoamento, grupos tradicionais e modernos, integração social*, entre outros.

Demonstra que a expressão "capitalismo dependente" é composta por um substantivo (capitalismo) e um adjetivo (dependente). Portanto, infere que a essência do problema não pode ser descoberta apenas pela simples oposição entre capitalismo clássico e capitalismo dependente, mas sim a partir das leis que regem o funcionamento de todo capitalismo. A manutenção dessa oposição como eixo central da análise é vista como uma continuidade no discurso, uma vez que representa a tradução, aparentemente marxista, do clássico binômio centro/periferia utilizado pela CEPAL que posteriormente é retomado por André Gunder Frank como metrópole/satélite (CUEVA,1974, p.98 - 99).

Cueva (1974, p. 99) segue e diz que Marini, em sua teoria da dependência, simplifica as situações ao trabalhar com modelos em vez de leis, o que põe a prova a validade de sua abordagem. Na visão do autor, descrevendo a estrutura produtiva e de circulação no capitalismo latino-americano, Marini aponta a superexploração do trabalhador e a existência de uma esfera de consumo suntuoso dinâmica, em contraste com o consumo do

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

trabalhador estagnado. Segundo Marini, isso cria um problema de realização que leva a uma tendência de expansão para o exterior e ao surgimento do subimperialismo[19]. Embora muitos dos problemas levantados por Marini sejam válidos, surge a dúvida sobre se realmente existe uma diferença qualitativa entre o capitalismo clássico e o dependente que justifique a formulação de leis específicas, ou se Marini está exagerando para tornar seus modelos operacionais.

Cueva argumenta que, apesar do desenvolvimento dos países dependentes não ocorrer da mesma forma que nos países capitalistas "avançados" e a situação das massas em ambos os casos não ser idêntica, a dominação e exploração imperialista, assim como a articulação específica dos modos de produção em cada formação social, fazem com que as leis do capitalismo se manifestem neles de forma mais ou menos acentuada ou "contaminadas". Porém, para o autor, isso não implica em diferenças qualitativas que constituam um novo objeto teórico regido por leis próprias, pois a dependência não é um modo de produção distinto em si, nem uma fase específica de qualquer modo de produção (CUEVA, 1974, p. 101).

Ainda sobre Marini, Cueva admite, com algumas ressalvas, que há uma vitalidade em seu pensamento. Sobre isso escreve que:

> Ahora bien, la novedad del esquema de Marini no está en señalar la existencia de un intercambio desigual entre naciones, con la consiguiente transferencia de valores y, en última instancia, de plusvalía; ni en anotar que la baja remuneración de los trabajadores constituye un escollo para la creación de un amplio mercado interno en América Latina. Tampoco en recordar todas las tropelías y exacciones que el imperialismo ha realizado, y realiza, en nuestros países, cosa que Marini da por sabida. Lo nuevo está en establecer una relación directa entre la articulación países industrializados-países dependientes (causa) y el desarrollo interno de cada una de esas economías que de ahí se derivaría (efecto). Y es en este punto, precisamente, donde el esquema de Marini se torna cuestionable, no por falta de coherencia lógica ni de fuerza ideológica, sino porque la realidad histórica se resiste a encajar en él. (CUEVA,1974, p.110).

Em outras palavras, o autor diz que o esquema proposto por Marini não traz novidades ao apontar o intercâmbio desigual entre nações e a baixa remuneração dos trabalhadores na América Latina, pois essas questões já são conhecidas. No entanto, o que é questionável em seu esquema é a relação direta estabelecida entre países

[19] O conceito de subimperialismo, desenvolvido por Marini (1973), refere-se à condição de certos países periféricos que, embora não sejam imperialistas no sentido clássico, exercem uma forma de dominação econômica e política sobre outras nações em desenvolvimento. Esses países subimperialistas atuam como intermediários do capitalismo internacional, buscando expandir seu poder econômico e influência geopolítica através da exploração de recursos naturais, do controle de mercados e da imposição de relações desiguais de dependência.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

industrializados e países dependentes, e como essa relação influencia o desenvolvimento interno dessas economias. A realidade histórica não se encaixa perfeitamente nesse esquema, indicando que outras variáveis e dinâmicas podem influenciar o processo de desenvolvimento econômico.

Para contra argumentar a validade da tese de Marini, Cueva (1974, p. 110 - 111), cita exemplos como o do Brasil produtor de café, argumentando que não é possível conceber que as exportações de café brasileiro poderiam diminuir o valor real da força de trabalho na Europa (através da transição da mais-valia absoluta para a mais-valia relativa), uma vez que o café é um produto totalmente supérfluo do ponto de vista da reprodução da força de trabalho e seu principal consumidor nem sequer era a classe trabalhadora. No caso da Argentina como produtora de cereais e gado, era bastante difícil sustentar que a exportação de cereais e carnes tenha influenciado a diminuição do valor real da força de trabalho na Inglaterra e isso tenha resultado na remuneração da força de trabalho argentina abaixo de seu valor, ou impedido a criação de um mercado interno para a indústria desse país. Uma vez que, as massas argentinas desse período foram uma das poucas no mundo capitalista em geral que estavam adequadamente nutridas, e o país foi o primeiro na América Latina a ter um mercado significativo para produtos industriais.

As regiões fornecedoras de cereais e carne, que nem sempre coincidem com os países atualmente subdesenvolvidos, assim como uma região produtora de café como a do Brasil, foram povoadas, durante o período em questão, por imigrantes estrangeiros, ou seja, pela população excedente da Europa.

Cueva (1974, p. 112 – 114), ressalta que a teoria não aborda adequadamente o caso da Revolução Cubana e seus efeitos no restante do continente. Argumenta-se que a teoria da dependência está relacionada à radicalização de setores intelectuais desvinculados do movimento proletário, que se autoproclamavam independentes das organizações operárias. O texto aponta o predomínio da *dependência* sobre a *exploração* como categoria central na teoria, bem como o sucesso dessa teoria entre os setores intelectuais de classe média. Sugere-se que a suposta superação das limitações do marxismo clássico também contribuiu para sua popularidade. O declínio posterior da teoria da dependência é, então, atribuído a razões que vão além das contradições internas da

> A partir desta constatación, todo se torna en cambio coherente: el predominio omnímodo de la categoría dependencia sobre la categoría explotación, de la nación sobre la clase, y el mismo éxito fulgurante de la teoría de la dependencia en todos los sectores medios intelectuales. Incluso la ilusión de que con ello se habían

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

> superado las "estrecheces" y "limitaciones" del marxismo clásico: ¿y cómo no iba a ser posible esta "superación" teórica, si en la misma práctica política las vanguardias de extracción intelectual creían poder reemplazar al proletariado en sus tareas revolucionarias? (CUEVA,1974, p.113 - 114).

O autor conclui seu texto enfatizando que a dependência continua sendo uma dimensão expressiva da realidade latino-americana, e os estudos concretos sobre o assunto permanecem relevantes para a pesquisa futura. No entanto, a teoria da dependência é vista como uma "caixa de Pandora" que gerou diversas interpretações e ilusões, mas cujas significações estão se dissipando. O movimento sociológico associado à teoria da dependência está em declínio ou em processo de superação positiva, com novas perspectivas surgindo, como o enfoque neoclássico de Marini. O autor também menciona a ruptura clara feita por Aníbal Quijano[20], que retoma a linha de análise do marxismo-leninismo e José Carlos Mariátegui[21]. Sinalizando uma evolução na compreensão do fenômeno da dependência na América Latina.

Sobre a crítica de Cueva, concluímos que na visão do autor não existem “leis de movimento específicas ao capitalismo na América Latina, que o constituem como um objeto teórico distinto e justificam a existência de uma teoria diferente do modo de produção capitalista em geral” (REYS, 2023, p.364). Fica evidente a preocupação do autor com uma história da dependência, totalmente necessária e inerente ao debate, mas que não enfrenta

---

[20] Aníbal Quijano (1930-2018) foi um sociólogo e pensador humanista peruano conhecido por seu trabalho no desenvolvimento do conceito de "colonialidade do poder". Ele era um defensor da renovação epistêmica, teórica e política das opções alternativas dos subalternos em relação às tendências de poder global. Quijano explora o conceito de colonialidade do poder como a forma latino-americana de subalternidade, destacando como a não-branquitude da classe dominada no subcontinente é usada para reforçar a exploração de classe. Foi um dos principais divulgadores da obra do também peruano José Carlos Mariátegui.
Quijano desenvolve a ideia de que a relação capital-trabalho se intensifica na exploração através da variável raça. Ele categoriza a ideia de raça no subcontinente como uma racionalidade específica do pensamento eurocêntrico, sem ignorar a análise das diferenças de classe, e argumenta que ela foi fundamental para definir a atual colonialidade nas esferas econômica e política. Ele destaca que essa subordinação não terminou com o desmantelamento do colonialismo clássico. O conceito de colonialidade desenvolvido por Quijano vai além da análise do colonialismo e se baseia em discussões anteriores, como a teoria do Sistema-Mundo de Imanuel Wallerstein e a teoria marxista da dependência desenvolvida por Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra e Theotônio dos Santos.

[21] José Carlos Mariátegui, nascido em 1894 no Peru, iniciou sua carreira no jornalismo em 1908, trabalhando em periódicos como La Prensa e El Tiempo. Embora tenha publicado poemas e revistas de humor e arte, a partir de 1918, ele se voltou para o socialismo e embarcou em viagens pela Europa, atuando como correspondente. Após retornar ao Peru três anos depois, Mariátegui fundou várias publicações com forte crítica social, sendo a mais célebre delas a revista Amauta, cujo nome em quéchua significa "sábio, sacerdote" e se tornou uma espécie de apelido para o próprio Mariátegui. Em 1928, fundou o Partido Socialista Peruano e passou a escrever reportagens e artigos sobre a situação europeia, além de iniciar suas pesquisas sobre a realidade peruana sob a perspectiva marxista. Apesar de sua morte em 1930, sua obra teórica e sua visão sobre a formação social e étnica da América Latina influenciaram desde a revolução cubana e Che Guevara até os zapatistas de Chiapas, continuando a inspirar movimentos que lutam pela igualdade e emancipação em toda a região. Entre os vários livros que escreveu, destacam-se "Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana" e "La escena contemporánea".

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

a problemática de um capitalismo dependente específico que se nutre da superexploração e do subimperialismo, pois infere que tais categorias não justificam o desenvolvimento de um arcabouço teórico que especifique, ou diferencie, um processo total pertinente ao desenvolvimento em si do capitalismo.

3.3. Bambirra, "*anticrítica"* vai ao México

A presente seção tem como objetivo analisar a obra *Teoría de la dependencia: una anticrítica*, escrita por Vania Bambirra em 1978. Nesse trabalho, Bambirra apresenta uma visão crítica em relação à teoria da dependência, dedicando um capítulo especialmente a contra argumentar a crítica tecida por Agustín Cueva que foi desenvolvida na seção anterior. O capítulo buscará examinar as principais críticas levantadas por Bambirra, destacando as inconsistências e contradições apontadas em relação às teses da teoria da dependência.

Bambirra (1978, p.40 – 42) inicia sua análise fazendo uma crítica à abordagem de Agustín Cueva em relação à teoria da dependência. No entanto, reconhece dois méritos em seu trabalho. O primeiro é o esforço, às vezes bem-sucedido, de fundamentar suas observações, mesmo que nem sempre utilize uma bibliografia adequada para embasar suas críticas. Comparado a outros críticos, que apresentam uma extrema pobreza de referências, esse mérito é digno de destaque. O segundo mérito está no fato de que:

> (…)pese a que las críticas de Agustín Cueva conducen a un cuestionamiento de toda la corriente en su conjunto, por lo menos él menciona algo que podría dejar al lector con alguna duda respecto a que quizás la teoría de la dependencia haya aportado algo pues, de repente, reconoce que ésta "cumple una positiva función crítica [subrayado del autor] sin la cual sería imposible siquiera imaginar la orientación actual de la sociología universitaria en América Latina" y que es "la corriente sociológica más vigorosa y difundida en la última década" (BAMBIRRA, 1978, p.41)

No entanto, Bambirra questiona a falta de indicações sobre onde reside esse vigor. Ela sugere que Cueva exagerou ao considerar a teoria da dependência em declínio, ao mesmo tempo em que a reconhece como uma corrente vigorosa:

> O bien esta "corriente sociológica" no es tan vigorosa, y en este caso Agustín Cueva exageró, pues un pensamiento vigoroso no entra en declive en tan corto lapso, o entonces Agustín Cueva fue demasiado generoso con dicha corriente, lo que parece más lógico de acuerdo a sus críticas. De todos modos, sería interesante que Agustín Cueva explicitara ¿qué nuevo pensamiento se está desarrollando en América Latina que está "en vías de superación positiva de la teoría de la dependencia"? Mientras

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

> no lo compruebe nosotros tenemos derecho a creer que esto no deja de ser una especulación fundada en el vacío. (BAMBIRRA, 1978, p.42)

Apesar de considerar a teoria da dependência uma corrente sociológica vigorosa, uma de suas críticas básicas é o "economicismo" de suas análises. Além disso, mesmo considerando-a vigorosa, Cueva conclui que o movimento sociológico em questão está em declínio ou caminhando para uma superação positiva. Essa contradição levanta dúvidas sobre a avaliação de Cueva em relação à força da teoria da dependência.

Conforme o trecho citado, Bambirra destaca a necessidade de Cueva explicitar qual novo pensamento está se desenvolvendo na América Latina e que está "em vias de uma positiva superação da teoria da dependência". Enquanto não houver comprovação disso, fica a impressão de que essa afirmação é uma especulação vazia, fundamentada em suposições.

Quanto a esse suposto "declínio" dos estudos sobre a teoria da dependência, a autora apresenta diversos indicadores objetivos que contradizem a alegação:

> Los libros respecto al tema de los autores de esta corriente siguen agotándose; en las Facultades de Ciencias Sociales, en donde existe un mínimo de libertad de enseñanza, el análisis respecto del enfoque de la dependencia es un tema que se ha transformado en obligatorio pues los estudiantes demuestran una gran curiosidad e inquietud respecto a dicha temática; hay varios indicadores, algunos de los cuales hemos ya mencionado, de que las organizaciones de izquierda se dejan influir cada vez más por los análisis de la dependencia; en América Latina cada vez un mayor número de investigaciones parten del marco teórico elaborado por dicha teoría; en el plano internacional esta temática despertó y sigue despertando cada día más la atención de los ambientes académicos y políticos, lo que se comprueba no sólo por el interés en editar y difundir los textos de los autores más significativos, sino también por la constante promoción de encuentros, seminarios y conferencias respecto de esta temática a los cuales los elaboradores latinoamericanos son frecuentemente invitados a participar. El tema de la dependencia se difundió por todos los continentes e impacta en los últimos años, lo que tiene un significado muy especial, en la propia URSS. Naturalmente su divulgación se vio harto perturbada en el Chile de Pinochet, en la Argentina de Videla, en el Uruguay de Bordaberry o en el Brasil de Geisel. Pero esto es harina de otro costal... (BAMBIRRA, 1978, p. 42)

Além das considerações anteriores, surge uma discordância em relação à caracterização da teoria da dependência como uma "corrente sociológica" feita por Agustín Cueva. Embora seja verdade que a maioria das contribuições seja proveniente de indivíduos com formação em sociologia e/ou ciências políticas, é importante destacar que as análises econômicas também desempenham um papel fundamental. De fato, o enfoque econômico tem sido preponderante em muitas das abordagens teóricas dentro dessa corrente. Essa ênfase econômica não pode ser ignorada, pois seria contraditório criticar o suposto "economicismo" presente na teoria da dependência se não houvesse um peso significativo dado às análises nessa área. Portanto, é essencial reconhecer que a teoria da

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

dependência transcende uma única disciplina e incorpora uma abordagem multidimensional que abarca aspectos sociológicos, políticos e econômicos para uma compreensão abrangente dos processos de dependência.

Bambirra (1978, p.43 – 44) defende que para os marxistas, não existem “compartimentos fechados com rótulos específicos nas portas, como "Economia", "Sociologia", "História" e assim por diante”. A análise de classes é, antes de mais nada, uma análise da estrutura econômica - de forma a ser mais inteligível e rigorosa (e Agustín Cueva aprecia o rigor) - que compreende o estudo da estrutura e desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção. Em seguida, a autora discorre sobre uma análise do movimento dessas classes, ou seja, da luta de classes, e posteriormente, uma análise das manifestações superestruturais, como ideologias, instituições, cultura, entre outros aspectos.

Para Bambirra (1978, p. 44), a análise da dependência restrita apenas às manifestações tangíveis da luta de classes, ou desconsiderando-a completamente e limitando-se apenas ao nível do sistema produtivo, é justificada apenas como momentos de investigação que necessitam ser integrados em uma perspectiva mais ampla e totalizadora. Geralmente, essa perspectiva totalizadora é alcançada em diversos trabalhos sobre a dependência, embora seja evidente que diferentes autores tenham privilegiado certos aspectos do fenômeno em suas pesquisas parciais. Alerta para o risco de análises superficiais ao considerar apenas partes e não o conjunto da obra de um autor.

Contrariamente ao que os críticos pensam, os estudos sobre a dependência estão repletos de análises sociológicas e políticas, e talvez as maiores lacunas estejam, na verdade, na análise econômica. A própria autora menciona que fez considerações críticas sobre a obra de Cardoso e Faletto, destacando a contribuição desses autores, diferenciando-se assim de outros críticos.

A autora expande de forma crítica as ideias de Agustín Cueva em relação à teoria da dependência. Ela concorda com o reconhecimento feito por Cueva sobre a "função crítica positiva" dos estudos sobre a dependência, argumentando que a crítica positiva só pode ser alcançada quando há a destruição de concepções antigas para construir alternativas de pensamento superiores. Nesse sentido, ela destaca que a teoria da dependência desmascarou profundamente a concepção desenvolvimentista, revelando suas limitações.

Em relação ao adjetivo "universitária" utilizado por Cueva para descrever a sociologia, Bambirra acredita que o pensamento científico deve aspirar a ser universitário,

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

contudo, deve seguir para além disso, buscando sempre influenciar as vanguardas populares e tornar-se revolucionário. Ela argumenta que a teoria da dependência ultrapassou os limites dos campi universitários, impactando as lutas sociais e os movimentos populares na América Latina.

Bambirra aponta outra questão no excerto de Cueva ao inferir que:

> Hay una apreciación de Agustín Cueva que, por el carácter generalizado con que la plantea, se transforma en un epíteto, como si fuera la condena definitiva por la cual la corriente tiene que purgar sus faltas: la de constituirse como un "neomarxismo" al margen de Marx BAMBIRRA (1978, p. 45)

A autora concorda que os marxistas devem reivindicar pureza e rigor em suas análises, e ressalta que muitas das críticas feitas por Cueva a Andre Gunder Frank são pertinentes. Cita como exemplo a crítica à fórmula do "desenvolvimento do subdesenvolvimento", que Cueva e Theotonio Dos Santos consideram como uma concepção a-dialética.

Porém, Bambirra (1978, p. 46), infere que a crítica de Agustín Cueva às obras de Dos Santos é questionável devido à sua limitação e simplificação, posto que, Cueva descarta facilmente o autor, buscando invalidar sua obra com base em uma crítica limitada e específica, centrada em uma referência de Dos Santos a Lenin. Descreve essa atitude como simplista por não considerar a totalidade do trabalho de Dos Santos.

Para Vânia, embora a referência de Dos Santos a Lenin possa ser crucial para a postura teórico-metodológica do autor, mesmo que de forma parcial, considera que a abordagem de Dos Santos possui mérito e diz concordar com ela. Afirma ser necessário uma análise mais profunda do texto de Dos Santos, que Cueva cita apenas parcialmente, a fim de compreender de maneira mais clara a necessidade de "ampliar" e "reformular" a teoria do imperialismo.

Ao reproduzir integralmente o texto de Dos Santos e analisá-lo minuciosamente, Bambirra (1978, p. 47 – 53) justifica sua concordância com a abordagem e destaca a relevância de sua contribuição para o debate sobre o imperialismo.

Para a autora, a polêmica entre Dos Santos e Cueva em relação à teoria do imperialismo e da dependência tem como ponto central a ampliação e reformulação da teoria marxista. Dos Santos argumenta que a teoria do imperialismo deve ser expandida para incorporar a teoria da dependência, pois ambas fazem parte de uma mesma unidade histórica. Ele propõe que os países capitalistas desenvolvidos e dependentes produzam uma mesma unidade teórica, em que a teoria do imperialismo dê origem à teoria da

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

dependência.

Essa visão é apoiada pelo reconhecimento de que as teorias evoluem quando novos elementos são introduzidos. Dos Santos destaca a importância de esclarecer todos os aspectos dessa polêmica, levando em consideração as diferentes abordagens teóricas. Ele faz referência à obra de Lenin, onde é suposto que o imperialismo levaria ao *parasitismo* e *estagnação*, enquanto o investimento de capitais nos países subdesenvolvidos impulsionaria seu desenvolvimento econômico acelerado.

Dos Santos também ressalta a compreensão de Lenin sobre o papel do capital estrangeiro na modernização da estrutura produtiva colonial exportadora e sua aliança com a antiga oligarquia. A autora afirma que, embora Lenin não tenha tido a oportunidade de analisar todas as implicações desse fenômeno devido a suas ocupações, ele compreendeu claramente essas tendências, confirmadas após o fim da guerra.

A questão do desenvolvimento das forças produtivas na América Latina é reconhecida, mas o autor argumenta que esse desenvolvimento ocorreu em combinação com o atraso. Ele critica os defensores da tese do "dualismo estrutural" não pelo reconhecimento óbvio desse fato, mas por sua incapacidade de compreender que a manutenção do atraso nos países latino-americanos é uma condição e consequência de seu desenvolvimento capitalista.

No entanto, o autor destaca que Lenin reformulou suas teses em relação ao desenvolvimento dos países dependentes. Em textos posteriores, Lenin enfatiza a necessidade de diferenciar claramente as nações oprimidas e as nações opressoras, reconhecendo as dificuldades e especificidades do desenvolvimento capitalista.

Além disso, para Bambirra (1978, p. 52) Lenin expressa a visão de que os países atrasados têm a capacidade e a necessidade de desenvolver suas forças produtivas, sua cultura e sua civilização. Embora Lenin não tenha explorado profundamente esse tema, sua mudança de opinião indica uma compreensão mais complexa das interações entre desenvolvimento e atraso nos países atrasados, resultando em uma dependência estrutural mais profunda.

A autora conclui então sobre a questão da crítica que Cueva infere sobre as adoções de categorias burguesas na obra de Dos Santos, e nos excertos sobre a teoria da dependência, por extensão que:

Agustín Cueva critica a Dos Santos por malinterpretar a Lenin pues en vez de usar

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

> el concepto de desarrollo del capitalismo utiliza la "expresión ideológica" crecimiento económico. Es cierto que Lenin no utiliza esta expresión pues ella se tornó usual después de su época y sin duda es de origen burgués, pero ya fue incorporada a la terminología marxista de nuestra época. 29 ¿Cuál es el problema de su empleo? ¿Acaso Lenin no empleaba la palabra imperialismo, cuyo origen es burgués? (BAMBIRRA, 1978, p. 53)

Ao que se segue sobre as críticas, Bambirra (1978, p. 53) expressa que Cueva, ao se referir à análise de Gunder Frank sobre o Chile, argumenta que "a luta de classes está simplesmente ausente", pois "as contradições de classe são substituídas por um sistema indeterminado de contradições nacionais e regionais que, precisamente por sua indeterminação, levantam sérios problemas do ponto de vista estritamente marxista".

Sobre esse ponto, Vânia escreve:

> Creo que este planteamiento es profundamente equivocado. Los marxistas deben saber que la lucha de clases en el seno de una nación oprimida pasa por la lucha de clases a nivel internacional y, pese a que aquella se desarrolla concretamente en el ámbito de las sociedades nacionales —lo que plantea con toda fuerza la problemática nacional—, no está aislada de las características y la dinámica que asume la lucha entre la nación oprimida y la opresora. (BAMBIRRA, 1978, p. 54)

E segue dize que, desse modo, é necessário esclarecer a confusão que pode surgir ao isolar e privilegiar a "contradição maior" de classe em detrimento da contradição entre a nação oprimida e a opressora, e ao subestimar o fator nacional, ou seja, como as contradições entre as classes antagônicas se manifestam no nível da sociedade nacional.

O raciocínio dialético determina a estreita ligação entre os dois planos da luta de classes. Isso é como Marx, Engels e Lenin sempre procederam, para citar apenas exemplos clássicos. Sem nos aprofundarmos muito nas citações, lembramos apenas a posição de Lenin em relação ao problema nacional e sua polêmica com Rosa Luxemburgo. Ele sustentava a tese de que se deveria lutar pela autodeterminação dos povos oprimidos pelo czarismo - e a implementou na prática - porque entendia que a revolução russa deveria respeitar o desejo de autodeterminação dos povos e que essa atitude fortaleceria a nova República Soviética. No entanto, ele reconhecia que Rosa Luxemburgo, enquanto polonesa, ou seja, do ponto de vista polonês, poderia levantar o slogan contra a autodeterminação, pois esse slogan favoreceria o desenvolvimento do processo revolucionário na Polônia. A autora diz que Lenin não aceitava era que, em função dos interesses da revolução na Polônia, Rosa quisesse que os bolcheviques abdicassem da luta pela autodeterminação, e é por isso que ele qualifica essa atitude de chauvinista grande-russa ao contrário:

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

> Lenin siempre fue internacionalista pero no por eso dejaba de ser ruso. Y el hecho de que los bolcheviques supieron captar las especificidades de la problemática nacional rusa fue uno de los factores cruciales en su triunfo. Su posición, por ejemplo, respecto del problema nacional fue, a juicio del propio Lenin, factor de importancia definitiva en la conservación del poder soviético. Pero Lenin mismo sin dejar de otorgar una enorme importancia al carácter nacional de la lucha, trata siempre de insertar sus perspectivas en el cuadro de la lucha a nivel internacional. (BAMBIRRA, 1978, p. 55)

Adiante, em Bambirra (1978, p. 56 – 58), encontramos que as relações de dependência assumiram seu caráter específico, no qual os capitais imperialistas passam a controlar o centro do processo de acumulação - a indústria manufatureira - e se tornam parte integrante da economia nacional, com todas as implicações decorrentes de sua influência indireta, porém real, no poder político. Nesse contexto, em que essa dominação permeia até mesmo as origens das nações oprimidas, o imperialismo se torna o inimigo dos povos em última instância, uma vez que as burguesias estão intimamente associadas a ele. Nessas condições, a "contradição maior" de classes é simultaneamente a contradição entre os interesses do proletariado e de suas classes aliadas, ou seja, as classes dominadas, em oposição à dominação burguesa-imperialista. Todas as grandes revoluções que até hoje levaram os povos ao socialismo tiveram que enfrentar, antes ou depois da vitória, a agressão imperialista direta e cruel em seus territórios.

Bambirra concorda em partes com Cueva, sobre Gunter Frank não ter se aprofundado na análise da luta de classes no Chile. Mas diz ser absurda a afirmação de que essa luta está ausente nos estudos sobre a dependência:

> Ahora bien, es cierto que Gunder Frank, en el trabajo que cita Agustín Cueva, no se detuvo en el análisis de la lucha de clases en Chile. Pero es verdaderamente absurdo declarar que ésta se encuentra ausente en los trabajos sobre la dependencia. Sólo el desconocimiento de la bibliografía puede explicar tal aseveración. Tratando de seguir el método de Marx, Engels y Lenin, si no todos (pues hay autores que se han restringido a los mecanismos económicos del funcionamiento del sistema), la inmensa mayoría de los autores han llenado páginas y páginas de sus obras con el análisis de la lucha de clases, obviamente tratando de insertarla en el cuadro de la lucha de clases en el nivel internacional, en el cuadro de "la diferenciación entre naciones oprimidas y opresoras". Y aquí ya es hora de preguntar a Agustín Cueva ¿qué entiende él por el marxismo a secas? Yo contestaría con Lenin: ser capaz de "establecer los hechos económicos concretos a partir de realidades concretas, no de planteamientos abstractos en todos los problemas [...]", pues, en caso contrario, se transformaría en un marxismo seco. (BAMBIRRA, 1978, p. 57)

Em seguida, traz o debate sobre o trecho em que Cueva infere que a teoria da dependência continua operando dentro do "campo problemático imposto pela corrente

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

desenvolvimentista". Nesse sentido, concordamos em parte com Agustín Cueva. A problemática trazida à tona pelo desenvolvimentismo não foi inventada por essa corrente; essa problemática, que diz respeito essencialmente ao desenvolvimento e subdesenvolvimento, foi originada pela dinâmica própria do desenvolvimentismo, que as burguesias dependentes tentaram implementar sem sucesso e corresponde, de forma mais ampla e sob diferentes perspectivas de classe, aos anseios de superação do atraso por parte das classes populares:

> El pensamiento desarrollista, como destacamos antes, tuvo incluso que tratar muchos de los problemas planteados por la situación de dependencia. Por cierto que los trató bajo su óptica burguesa. Pues bien, los teóricos de la dependencia no podían de repente inventar una problemática nueva. Están pendientes el problema del desarrollo, el problema de la liquidación del atraso, de la miseria, del analfabetismo, de las malas viviendas, de la descapitalización, de la deuda externa, de la salud pública, de la inflación, etcétera, problemática esta que el desarrollismo ha tratado y que obviamente está presente en la teoría de la dependencia. (BAMBIRRA, 1978, p. 58)

Sobre este debate, Vânia conclui que o desenvolvimentismo não conseguiu abordar toda a problemática das contradições do capitalismo dependente, da estratégia revolucionária, do papel da hegemonia proletária na luta antimperialista e da revolução socialista na América Latina. No entanto, uma vez no poder, o proletariado latino-americano saberá colocar em pauta uma problemática radicalmente nova, relacionada ao desenvolvimento das forças produtivas, novas relações de produção socialistas, cultura e civilização. Isso implicará uma redefinição profunda da problemática do desenvolvimento, como ocorreu com o proletariado cubano na construção do socialismo. Acreditar que é possível criar uma problemática própria e abstrata, dissociada dos temas do desenvolvimento, dependência, atraso e luta de classes, é cair no neomarxismo ou, mais precisamente, no antimarxismo, por mais nobres que sejam as intenções.

Então propõem o seguinte questionamento em resposta às críticas de Cueva:

> ¿Cómo responder a la cuestión sobre si hubiera sido mejor que América Latina "hubiera tenido un desarrollo mucho más acelerado y armonioso del que en realidad tuvo"? Le responderíamos que sí, pues el proletariado se hubiera desarrollado más, se hubiera fortalecido y cohesionado aún más, el capitalismo hubiera producido más cultura y menos miseria. El capitalismo, como decía Lenin, es un modo de producción y de vida inferior desde que nos situamos en la perspectiva superior, socialista; pero superior a formas de organización económico-sociales que lo han precedido. BAMBIRRA (1978, p. 59)

A autora continua o desenvolvimento de seu raciocínio explicando que Lenin, durante

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

a NEP[22], considerava preferível ter uma boa cultura burguesa em vez de um campesinato. No entanto, em 1905, Lenin reconheceu o caráter democrático-burguês da revolução e valorizou o progresso que o desenvolvimento do capitalismo traria para a Rússia atrasada. Na América Latina, alguns países tiveram um desenvolvimento precário do capitalismo nos anos trinta, dentro dos limites impostos pela situação de dependência. No entanto, aponta que esse impulso progressista foi frustrado pelas novas modalidades das relações de dependência na região. Discutir se foi uma pena ou não é uma questão sem contribuição para a compreensão objetiva da realidade e não é objeto de "nostalgia" por parte dos autores da teoria da dependência. Afirma que Agustín Cueva critica de forma genérica e usa uma citação de Gunder Frank como "bode expiatório". Frank destaca o caráter progressista dos governos do Paraguai, mas também menciona as limitações dessa política. Portanto, a "nostalgia" de Frank existe apenas na interpretação subjetiva de Cueva.

> Esos reparos a la teoría de la dependencia van en la misma dirección del que hizo Aníbal Pinto, la diferencia reside en que Pinto lo formuló de manera más matizada y a pie de página: "En el desarrollo del enfoque criticado se llega, a veces explícitamente, a una cierta añoranza de la suerte de algunos países que quedaron 'fuera' del sistema internacional de la división del trabajo [...]" y así por el estilo. En este nivel de subjetivismo es imposible discutir con los críticos, volvamos pues a las críticas más objetivas. (BAMBIRRA, 1978, p. 60)

Sobre essas “críticas mais objetivas”, Bambirra (1978, p. 62 - 63) diz que são encontradas quando Cueva critica o ensaio de Cardoso e Faletto, "Desenvolvimento e Dependência na América Latina", na medida em que, ele mesmo conhecedor da história latino-americana, aponta algumas "lacunas" na obra. A própria autora escreveu algumas críticas ao mencionado livro, mas argumenta que o trabalho de ambos os autores não tem como objetivo aprofundar a história atual dos países latino-americanos, caso a caso, mas descrever de forma geral um novo quadro de interpretação do processo histórico latino-americano considerado como um todo. Prossegue inferindo que, desta maneira, é natural que nesta obra sejam ignorados vários fatos cruciais para a compreensão da história latino-americana, mas que podem ser dispensados em análises sintéticas e globais como no mencionado livro. Ademais, diz não partilhar do desprezo que Cueva sente pelos novos conceitos que foram incorporados à ciência social, mesmo que tenham sido criados pela

[22] A Nova Política Econômica (NEP) foi uma política adotada na União Soviética entre 1921 e 1928, após a guerra civil e a crise econômica. Ela introduziu elementos de mercado e permitiu a pequena propriedade privada e a iniciativa individual, visando revitalizar a economia e aumentar a produção agrícola e industrial. A NEP foi uma tentativa de conciliar o socialismo com elementos capitalistas temporariamente, antes de avançar para uma economia totalmente planejada.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

burguesia:

> No considero que "enclave" sea un "ambiguo término", como lo plantea él. En este término se ha condensado la definición de una forma muy específica de explotación económica extranjera que no debe ser confundida, como lo hace Cueva, con el concepto de colonia o semicolonia, pues estos conceptos remiten a una forma de dominación generalizada, en lo económico y en lo político, de una potencia sobre un país oprimido. BAMBIRRA (1978, p. 61 - 62)

Para a autora Cueva critica a teoria da dependência como um todo, porém, afirma ter criticado Cardoso e Faletto, antes do autor, por não destacarem adequadamente o papel dos principais atores da história latino-americana. Enquanto Cueva criticou o "economicismo", Vânia os criticou pela falta de análise econômica. Apesar disso “la diferencia fundamental es que yo formulé mis críticas como críticas positivas a una obra positiva, que contenía ‘un rico esquema interpretativo’ y una ‘valiosa discusión metodológica’.” (BAMBIRRA,1978, p. 62)

Bambirra versa que Cueva insiste que é sintomático o fato de não ter sido produzido nenhum livro sobre as classes subordinadas a partir daquela teoria na década passada. Sobre isso responde que:

> Es verdaderamente una lástima que en su estadía en Chile Agustín Cueva no tuviese conocimiento de la existencia de las áreas de investigación del CESO, uno de los principales centros de elaboración de la teoría de la dependencia. Si él hubiera conocido la forma de funcionamiento y los programas de investigación de dicha institución, se habría percatado de que no sólo existía un área de investigación sobre el Estado y las clases sociales, sino que en esta área se realizaba más de un proyecto de investigación sobre la clase obrera y más de un proyecto de investigación sobre el campesinado. (BAMBIRRA, 1978, p. 62 - 63)

Então segue sua crítica dizendo que se Agustín Cueva revisar cuidadosamente a bibliografia, perceberá seu equívoco, pois estudos sobre o desenvolvimento revolucionário cubano foram produzidos, inclusive por ela mesma. Foram realizados seminários e cursos sobre a revolução cubana com a participação de cientistas sociais cubanos no CESO e na Escola de Economia, e uma área de pesquisa sobre Problemas da Transição ao Socialismo foi criada no CESO.

Vânia aponta para outro equívoco na interpretação de Agustín sobre a teoria da dependência:

> Cuando se afirma que no existe una burguesía nacional en América Latina obviamente no se trata de negar la existencia de la burguesía como clase. Esta interpretación sería completamente absurda. Lo que se plantea, con fundamento en

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

> la descripción de la situación real de América Latina, en base a datos evidentes y a una vasta comprobación empírica realizada en muchísimos trabajos de investigación, es que en la medida en que las burguesías en nuestro continente se han asociado como clase al capital extranjero, tuvieron que abdicar de sus proyectos propios de desarrollo nacional autónomo. (BAMBIRRA, 1978, p. 65)

Em seguida, sobre essa questão, afirma que as burguesias têm um certo grau de manobra dentro dos limites do imperialismo. Alguns setores burgueses não estão associados ao capital estrangeiro, mas são insignificantes na economia e política latino-americanas. A estratégia revolucionária não deve se basear na aliança com esses setores decadentes da burguesia nacionalista, pois eles não têm um projeto viável de desenvolvimento. Essa concepção foi relevante no passado, mas não é sustentável. Criticar essa posição não é "ultraesquerdismo", mas uma questão ideológica que tenta justificar uma linha política de aliança com a burguesia, que não foi viável na prática:

> Yo diría que el mayor responsable de la ultraizquierdización fue el reformismo de los partidos comunistas en este periodo, por haberlos incapacitado para ofrecer una dirección consecuente al movimiento popular, permitiendo que la pequeña burguesía radical tratara de llenar el vacío político que se creaba por la ausencia de una actuación verdaderamente revolucionaria. Pero, pese a que he estado en desacuerdo con la ultraizquierdización, asumo parte de la responsabilidad que cabe a cada uno de nosotros, que pretendemos aportar un grano de arena a la liberación definitiva de nuestros pueblos, por no haber criticado más, aclarado más, discutido más, en la medida de nuestras fuerzas y de manera positiva, muchas cuestiones de la lucha revolucionaria. (BAMBIRRA, 1978, p. 67)

Adiante a autora aborda a questão da ambiguidade dos termos utilizados na teoria da dependência. Ela argumenta que os termos podem ser precisos se forem definidos com clareza por autores ou correntes de pensamento. Também esclarece o conceito de oligarquia, como sendo os setores burgueses ligados ao setor primário-exportador, incluindo latifundiários que produzem para o mercado interno ou detêm o monopólio da terra. Vânia critica a postura de Agustín Cueva em relação à ambiguidade, questionando sua posição em relação à questão da revolução burguesa na América Latina. Ela aponta a falta de clareza em relação a essa questão no texto, segue e critica mais um ponto:

> "Hay algo que es sustantivo (capitalismo) y algo que es adjetivo (dependencia).” Esto es absolutamente correcto pero no nos exime de buscar las especificidades que este adjetivo involucra y pensar que después de que Karl Marx escribió El Capital todo está claro bajo el sol. Ser marxista es ser creador, no un mero repetidor de textos; es saber utilizar el método dialéctico para hacer un análisis concreto de una situación concreta. (BAMBIRRA, 1978, p. 69)

A respeito das observações de Cueva sobre o texto "Dialética da Dependência" de Marini. Bambirra (1978, p. 69 - 71) concorda com Marini no ponto em que o modo de

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

produção capitalista nas sociedades dependentes possui leis de movimento específicas, como a acumulação externa de capitais e a superexploração do trabalho. Desse modo, discorda das críticas de Cueva em relação a esses pontos. Destaca que o conceito de superexploração não deve ser confundido com o de pauperização, e elogia o ensaio de Marini como um brilhante contributo para a teoria da dependência, por abordar a superexploração do trabalho de forma abrangente, embora algumas vezes exagerando suas implicações:

> En mi opinión, sin duda, es uno de los más brillantes aportes a la teoría de la dependencia pues tuvo el mérito de enfrentar una cuestión que es crucial para la comprensión del funcionamiento del capitalismo en las sociedades dependientes: la superexplotación del trabajo. Esa categoría de análisis había hasta entonces sido empleada esporádicamente y sin mayor rigor. Ruy Mauro Marini precisó en toda su extensión su significado esencial para comprender una dimensión de suma relevancia del proceso productivo en América Latina. Sin embargo, es importante destacar que, al tratar de poner al desnudo todas las implicaciones del fenómeno, Marini algunas veces las exageró, pues como él mismo lo ha dicho “las tendencias analizadas se pintaron a brochazos, lo que les confirió a veces un perfil muy acusado”. (BAMBIRRA, 1978, p. 70 - 71)

Critica de forma contundente a abordagem confusa de Agustín Cueva em relação à teoria da dependência, apontando que, constantemente, o autor recorre a Gunder Frank para embasar suas críticas, sem conseguir realmente discutir a relevância teórica do conceito de dependência. Também aparta que Cueva não compreende a teoria da dependência, pois não considera o contexto específico de países como Rússia e China, onde líderes como Lenin e Mao contribuíram para a compreensão das dinâmicas de dependência:

> La comprensión de Cueva no se aproxima, siquiera de lejos al sentido que los autores han atribuido a la categoría dependencia. Esta no es ni una "práctica" de determinación unívoca ni una solución teórica "sofística y no dialéctica". Su confusión se funda en el escamoteo de las definiciones rigurosas y precisas que muchos de los elaboradores de dicha teoría han hecho. (BAMBIRRA, 1978, p. 72 - 73)

Vânia Bambirra finaliza seu texto trazendo uma importante questão, Cueva diz: "Será que não é a natureza de nossas sociedades que determina em última instância sua vinculação ao sistema capitalista mundial?". Responde que sim. No entanto, julga importante considerar um dado histórico: os indígenas, onde estavam presentes, não puderam resistir à conquista devido ao seu atraso tecnológico, resultando em sua subjugação. Isso foi possível devido ao avançado nível de desenvolvimento das forças produtivas na Europa colonizadora. Portanto, a "natureza de nossas sociedades"

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

determinou o tipo de vinculação ao capitalismo mundial. Os colonizadores exploraram tanto a mão de obra indígena quanto os recursos naturais, adaptando seu domínio às condições encontradas. Ao longo do tempo, essas condições foram sendo redefinidas de acordo com a evolução interna e as necessidades de expansão do sistema capitalista dominante. Vários autores da teoria da dependência abordam essa questão de suma importância de forma clara e desenvolvida. Termina o texto concluindo que “La teoría de la dependencia será algún día, que espero no tarde mucho, pieza del museo de la historia del pensamiento de los antiguos pueblos oprimidos. Para que esto ocurra es necesario primero que sean superadas las condiciones que la hicieron necesaria: el capitalismo dependiente.” (BAMBIRRA,1978, p. 62)

3.4. *“Anticritica”* o autocritica? Una peleja en terreno pantanoso

Por fim, Agustín Cueva escreve uma tréplica sobre a “anticrítica” escrita por Bambirra. Em *“*¿Vigencia de la “anticrítica” o necesidad de autocrítica? respuesta a Theotonio Dos Santos y Vania Bambirra” (1979) autor argumenta que não se avança na discussão teórica ao listar supostos apoiadores da teoria da dependência ou ao recorrer a autoelogios:

> Me parece de verdad deplorable que al cabo de cuatro años y más de reflexión, los colegas Theotonio Dos Santos' y Vania Bambirra no hayan encontrado mejor manera de refutar mi artículo "Problemas y perspectivas de la teoría de la dependencia" que a través de una serie de "recursos" que en lugar de esclarecer los problemas de fondo, los sumergen en un terreno pantanoso por el que resulta difícil transitar. Nada se avanza, por ejemplo, con la confección de extensas listas de supuestos adherentes a la teoría de la dependencia, ni con acudir a la acumulación constante de autoelogios: los "comerciales" están de sobra en una discusión de orden teórico. (CUEVA, 1979, p. 85)

Além disso, ele critica a tentativa de reduzir a polêmica a uma simples oposição entre teóricos da dependência "profundos" e críticos "superficiais". Considerando estéril a ideia de procurar um pensamento superior ao dos autores dependentistas:

> Tampoco se gana nada con "argumentar" que las críticas a la teoría de la dependencia hacen retroceder al marxismo en más de cincuenta años; o con tratar de reducir la polémica a simple oposición entre teóricos de la dependencia

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

> "profundos", y críticos "superficiales; como si existiera un dios encargado de concentrar todas las virtudes en un círculo de elegidos. Y resulta completamente estéril plantear las cosas en términos de ¿dónde está un pensamiento superior al de los autores dependentistas?' En lo personal carezco de la infatuación necesaria para atribuir "superioridad" No entanto, é importante considerar um dado histórico: os indígenas, onde estavam presentes, não puderam resistir à conquista devido ao seu atraso tecnológico, resultando em sua subjugação. Isso foi possível devido ao avançado nível de desenvolvimento das forças produtivas na Europa colonizadora. Portanto, a "natureza de nossas sociedades" determinou o tipo de vinculação ao No entanto, é importante considerar um dado histórico: os indígenas, onde estavam presentes, não puderam resistir à conquista devido ao seu atraso tecnológico, resultando em sua subjugação. Isso foi possível devido ao avançado nível de desenvolvimento das forças produtivas na Europa colonizadora. Portanto, a "natureza de nossas sociedades" determinou o tipo de vinculação ao a ninguno de mis modestos trabajos; y, en lo que a la obra de los colegas marxistas no dependentistas concierne, creo que no requiere de turiferários. (CUEVA, 1979, p. 85 - 86)

Cueva argumenta que a acusação de falta de manejo adequado da bibliografia é imprudente, uma vez que a bibliografia que ele utiliza em seu artigo é mais extensa do que a dos autores dependentistas ao criticarem o marxismo "tradicional" latino-americano. Ele questiona a necessidade de analisar os outros recursos "anticríticos" utilizados pelos colegas, pois acredita que eles apontam mais para uma reprodução simplista da ideologia dependendista do que para uma discussão séria:

> En cuanto a la acusación de insuficiente manejo de la bibliografía "adecuada", me parece que tal vez hubiera sido más prudente no mentar la soga en casa de los ahorcados. Limitada como en realidad es, la bibliografía que empleo en mi citado artículo resulta una verdadera biblioteca de Alejandría comparada con la que los autores dependentistas utilizaron (¿cuál?) al criticar al marxismo "tradicional" latinoamericano; o, para no ir tan lejos, con la que la misma Vania Bambirra maneja ahora para reconstituir los planteamientos de Enrique Semo o los míos. (CUEVA, 1979, p. 85 - 86)

O autor destaca que não está questionando o valor das obras dos autores dependentistas ou negando seus contributos para o estudo da realidade latino-americana. No entanto, ele critica a aplicação simplista e unilateral do paradigma da dependência como uma forma de análise dos problemas latino-americanos “Supongo que para cualquier lector está claro que en mi referido artículo no pretendo demostrar que las obras de determinados autores carecen de valor; ni negar que los trabajos de orientación dependentista contengan aportes valiosos para el estudio de nuestra realidad.” (CUEVA, 1979, p. 87). Defende que esse paradigma impediu uma

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

compreensão adequada das diferentes determinações e contradições do desenvolvimento histórico da região, gerando discussões teóricas bizantinas:

> Lo que he sostenido y sostengo es que la especificidad de la llamada teoría de la dependencia radica en la aplicación de un paradigma simplista, mecánico, unilateral, de análisis de los problemas latinoamericanos, que consiste en deducirlo todo de nuestra "articulación con la economía mundial"*. Y que, metodológicamente adialéctico, dicho paradigma ha impedido comprender adecuadamente la organización jerarquizada de las distintas determinaciones y contradicciones de nuestro desarrollo histórico, así como de las categorías susceptibles de explicarlo; hecho que, a su turno, ha desencadenado bizantinas disquisiciones teóricas, ciertamente ""originales", aunque no en el sentido que les atribuían sus autores. (CUEVA, 1979, p. 88).

Temos em CUEVA (1979, p. 89), que as críticas se dirigem à viabilidade e relevância teóricas do paradigma analítico da teoria da dependência. Questiona, então, não as pessoas ou os temas em si, mas sim a teoria e sua aplicação. Argumenta que os autores que ainda estão presos a esse paradigma deveriam apresentar uma resposta clara e contundente para explicar: a) em que consiste sua teoria; b) quais são as categorias básicas inéditas que a constituem; e c) se sua teoria é marxista, como ela difere positivamente do marxismo-leninismo aplicado à análise da realidade latino-americana.

Em seguida, o autor menciona que a resposta oferecida por Vania Bambirra a essas questões é decepcionante. Ele critica a abundância de elogios aos colegas de equipe e acredita que a resposta não oferece uma fundamentação teórica sólida, resume a resposta como sendo a ideia de que, se você reunir os estudos sobre a dependência, encontrará uma grande teoria, desde que evite uma "promiscuidade intelectual repelente":

> Ahora bien, la respuesta que Vania Bambirra ofrece a tales cuestiones me parece, para decirlo de la manera más suave, un poquito decepcionante. Por una parte, el inagotable florilegio a los compañeros de equipo:
>
> ..en lo esencial, las bases de la teoría de la dependencia han sido echadas, es decir, su formulación teórica y su comprobación empírica están elaboradas de manera coherente, sistematizadas y demostradas en un * conjunto de obras fundamentales cuyo conocimiento es indispensable para todos aquellos que están preocupados y comprometidos, no sólo con la comprensión de la realidad sino sobre todo con su transformación. (CUEVA, 1979, p. 89).

Cueva assinala que a teoria da dependência existe como análise das formações econômico-sociais capitalistas dependentes: “considero que los estudios

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

respecto de la dependencia adquieren un status de teoríamas” (CUEVA, 1979, p. 89). Questiona a formulação teórica apresentada por Bambirra, considerando-a confusa:

> Sospecho lo que Vania Bambirra quiere decir; pero justamente porque alude de manera teóricamente incorrecta a un problema archisabido, para cuyo descubrimiento no hacía falta ir "más lejos aún"
>
> Me complace, desde luego, la positiva evolución del pensamiento de la colega Bambirra al reformular sus posiciones teóricas en términos de modos de producción; así como la que se registra en Theotonio Dos Santos cuando escribe, en un artículo reciente, que nuestras "*economías nacionales tienen su proceso de acumulación condicionado por su modo de inserción en esa economía internacional; y, al mismo tiempo, determinado por sus leyes propias de desarrollo interno", y señala que "*las palabras condicionado y determinado quieren reflejar conceptos precisos. (CUEVA, 1979, p. 90).

Agustín ressalta que o estudo da dependência não pode ser dissociado do sistema capitalista mundial e que os setores I e II do "capitalismo dependente" latino-americano não podem estar no exterior em uma suposta "primeira etapa", uma vez que, segundo os termos marxistas, isso significaria que não há nada no interior das sociedades latino-americanas:

> En efecto, me gustaría saber cuál es esa "primera etapa" en la que los sectores I y II del "capitalismo dependiente" latinoamericano están en el exterior; porque, así formuladas las cosas, pareciera que se trata de los cinco primeros días de la creación: al no haber en el interior de nuestras sociedades ni un sector I ni un sector II, en términos marxistas simplemente no hay nada y la única relación de "dependencia" que puede establecerse es con respecto a dios. (CUEVA, 1979, p. 90).

Cueva (1979, p. 91 - 93) reforça que seu objetivo não é negar completamente as teses dependentistas, mas sim aprofundar o debate. Argumenta que há diferenças objetivas entre as teses dependentistas e outras visões marxistas, e que essas diferenças não podem ser reduzidas a uma simples oposição entre "superficiais" e "profundas". Pondera que a teoria da dependência tem contribuições importantes, mas também revela a necessidade de considerar outras abordagens, como a articulação de modos de produção. Baliza para o trabalho de Ruy Mauro Marini como um exemplo de análise sistemática e rigorosa, e afirma que existem questões a serem discutidas no campo dos estudos sobre a dependência:

> (…) En el caso de Marini el problema se torna aún más evidente en razón del alto grado de sistematicidad y rigor de su trabajo.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

> Por todas esas razones, sigo pensando que entre las tesis dependen-tistas y las que otros marxistas sostenemos hay discrepancias objetivas que no pueden reducirse a la simple oposición entre ""superficiales"y "profundos". Y me parece, también, que en el conjunto de estudios sobre la dependencia hay mucha tela que cortar, de acuerdo, claro está, con cada uno de los trabajos. Prueba de ello es que los mismos colegas Dos Santos y Bambirra no pueden escapar a un constante movimiento pendular: de una parte, y con miras a una aglutinación de fuerzas ideoló gicas, asumen por momentos la defensa radical del entero bloque depen-dentista; de otra, y para no cargar con todo el lastre teórico que lo anterior significa, toman una prudente distancia frente a las "'gaffes"más flagrantes de sus compañeros de viaje. CUEVA, 1979, p. 93).

Em relação ao aspecto político, o autor expressa sua posição de que a era das revoluções democrático-burguesas está cancelada na América Latina, mas enfatiza a importância da luta pela democracia substantiva e a necessidade de uma transição para o socialismo como projeto de emancipação dos povos latino-americanos.

Por fim, encerra a resposta ressaltando a importância de promover um debate construtivo e inclusivo, buscando uma síntese mais abrangente das diferentes perspectivas teóricas, ampliando o debate teórico e buscar caminhos coletivos para a transformação social na América Latina:

> Intuyo, eso si, que hay posiciones ultras que hacen más daño que bien en la lucha por la democracia y el socialismo. Por eso, cuando con excitación se me dice que lo que ""hay que hacer" en América Latina es la revolución socialista, siempre me pregunto cuál es el alcance exacto de tal aseveración. Si lo que se quiere afirmar es que ese tipo de revolución constituye la única solución para nuestros problemas básicos y que, por ende, hay que bregar por ella, estoy de acuerdo; pero si lo que se quiere decir es que debemos suprimir las etapas intermedias de lucha y lanzar nos de inmediato a la toma de los respectivos "palacios de invierno' pienso que las actuales condiciones no lo permiten en la mayor parte de países de América Latina. CUEVA, 1979, p. 93).

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de iniciar estas considerações finais comentando que o processo de elaboração desta monografia sobre a Teoria Marxista da Dependência foi uma experiência árdua, desafiadora e extremamente enriquecedora. Ao optar por esse tema, tinha em mente que enfrentaria obstáculos significativos, como a escassez de recursos disponíveis e a complexidade das questões abordadas. No entanto, esses desafios justificaram meu interesse. Também exigiram uma determinação ímpar para que eu pudesse aprofundar meus conhecimentos sobre a teoria e contribuir para a compreensão dos desafios enfrentados pela América Latina.

O objetivo primordial deste trabalho consistiu em resgatar e apresentar as valiosas contribuições da Teoria Marxista da Dependência para a discussão do capitalismo dependente, oferecendo elementos que podem ajudar a compreendermos as razões pelas quais essa teoria foi apartada do ambiente acadêmico brasileiro. Em um mundo cada vez mais complexo e interconectado, compreender as dinâmicas da dependência econômica torna-se crucial para a análise dos desafios enfrentados pela América Latina.

A escolha de Vânia Bambirra e Agustín Cueva como referências neste estudo, conforme explicitado na introdução, foi estratégica, permitindo lançar luz a um enriquecedor diálogo entre dois pensadores proeminentes que deixaram contribuições significativas para o campo da Teoria Marxista da Dependência. Ao trazer à tona suas perspectivas e análises, foi possível ampliar o escopo das discussões e promover a divulgação deste debate, muitas vezes negligenciado nas esferas acadêmicas.

Para apresentar a Teoria Marxista da Dependência, recorri ao método materialista histórico-dialético, por justamente esta abordagem buscar entender as relações sociais e econômicas em seu contexto histórico e em constante movimento, de forma total.

Ao examinar as estruturas que sustentam a dependência econômica, foi possível ampliar a compreensão das desigualdades sociais, das assimetrias de poder e obstáculos na região latino-americana. A análise das contradições e dos entraves do sistema capitalista dependente contribuiu para uma visão mais abrangente das complexas dinâmicas em jogo, possibilitando uma compreensão mais das condições que perpetuam a dependência e da necessidade de transformação desse modelo.

Espera-se que este trabalho tenha oferecido uma pontual contribuição ao debate sobre a dependência na América Latina. Ao resgatar as contribuições da Teoria Marxista da

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

Dependência, espero ter fornecido subsídios teóricos e conceituais para a compreensão das estruturas que perpetuam a dependência econômica.

Embora reconheça que o tema da dependência na América Latina está longe de ser completamente esgotado, torna-se crucial retomá-lo, uma vez que o instrumental teórico utilizado, apesar de ter muitos anos, ainda se mostra válido e eficiente para nos ajudar a examinar os sintomas que sentimos em nossas terras, marcadas por desafios como a intensificação das desigualdades, a exploração dos recursos naturais e as assimetrias no comércio internacional.

A Teoria Marxista da Dependência oferece uma análise crítica das estruturas que sustentam e condicionam a dependência econômica na região. Como resultado, ela se torna um instrumento essencial para a luta em prol da transformação e superação do sistema capitalista dependente. Busca-se, assim, alternativas que promovam a emancipação e a soberania dos países latino-americanos em direção a um horizonte socialista. É importante ressaltar que as críticas apresentadas por Cueva à teoria são fundamentadas e embasadas no rigor científico e no compromisso com as categorias marxistas, assim como a contra-crítica. É evidente que os autores aqui apresentados não pretendem promover uma polêmica leviana e desconectada da realidade material, mas sim realizar um exercício reflexivo sério e compromissado com a luta de classes para aprofundar e aprimorar a compreensão crítica da TMD, visando avançar com a teoria e refletir sobre a validade das categorias defendidas pelos autores.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **Organização Revolucionária Marxista - Política Operária (POLOP)**. CPDOC. FGV, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/organizacao-revolucionaria-marxista-politica-operaria-polop>. Acesso em: 15/02/2023

AGUIAR, Flávio. **"Icaza, Jorge".** In: Boitempo Editorial Enciclopédia Latino-Americana. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006. Disponível em: https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/i/icaza-jorge Acesso em: 12/02/2023

Aguiar, D. (2018, 1º de junho). **Aníbal Quijano e o legado de resistência ao ocidental-centrismo no subcontinente**. Esquerda Diário. Recuperado em 02 de maio de 2023, de https://www.esquerdadiario.com.br/Anibal-Quijano-e-o-legado-de-resistencia-ao-ocidental-centrismo-no-subcontinente?gclid=EAIaIQobChMI38O0gdH59AIVEA6RCh2vcgUrEAAYASAAEgJcOvD_BwE.

BAMBIRRA, Vania (org.), **Diez años de insurrección en América Latina**. Santiago de Chile: Prensa Latinoamericana, 1971.

_____. **O capitalismo dependente latino-americano**. Tradução de Fernando Correa Prado e Marina Machado Gouvêa. 4 ed. Florianópolis: IELA/Insular, 2013.

_____. **Teoría de la dependência: Una anticrítica.** México D.F.: Era, 1978.

_____. **Teoria da dependência: balanço e perspectivas.** Revista de Economia Política, vol. 1, nº 1, 1981, pp. 34-49.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Historia de la CEPAL.** Santiago: CEPAL, 1993.

Boitempo Editorial. (s.d.). **José Carlos Mariátegui**. Recuperado em 02 de maio de 2023, de https://www.boitempoeditorial.com.br/autor/jose-carlos-mariategui-86

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e Desenvolvimento na América Latina: Ensaio de Interpretação Sociológica.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

CUEVA, A. **Teoría social y procesos políticos en América Latina**. México D.F.: Edicol, 1979. 1ª ed., 1979, pp. 15-39.

_____. **Problemas y perspectivas de la teoría de la dependencia** (1974) http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/se/20100830114245/05problemas.pdf, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Siglo del Hombre Editores

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

_____. **O desenvolvimento do capitalismo na América Latina**. São Paulo: Editora Global 1983.
_____. "¿Vigencia de la "anticrítica" o necesidad de autocrítica? respuesta a Theotonio Dos Santos y Vania Bambirra", Teoría social y procesos políticos en América Latina. México: UNAM, 1979.

FIORI, José Luís. **Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações**. São Paulo: Editora Vozes, 2012.

FRANK, André Gunder. **Capitalismo y subdesarrollo en América Latina**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1970.

FURTADO, Celso. **A Pré-revolução Brasileira**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

GOUVEA, **Marina Machado. Marxismo, questão social e capitalismo dependente**. *In:* Em tempos de radicalização do capital, lutas, resistências e serviço social, XVI., 2018, Vitória – ES

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARINI, Ruy Mauro**. Dialética da Dependência.** Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 9, n. 3, p. 325-356, dez. 2017.

MALDONADO, Ana María Larrea. **"Cueva, Agustin".** In: Boitempo Editorial Enciclopédia Latino-Americana. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006. Disponível em: https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/c/cueva-agustin Acesso em: 12/02/2023

PRADO, Fernando Correa. **A ideologia do desenvolvimento e a controvérsia da dependência no Brasil contemporâneo.** 1 Ed. Marília: Lutas Anticapital, 2020.

_____. **História de um não-debate: a trajetória da TMD no Brasil.** Comunicação&política, v.29, nº2, 2011 p.068-094

PRADO, M. L. C. **A trajetória de Agustín Cueva**. Estudos Avançados, [S. l.], v. 6, n. 16, p. 203-206, 1992. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9608. Acesso em: 12 de abril de 2023.

PREBISCH, Raúl. **Estudo econômico da América Latina**, 1949, CEPAL.

_____. **Notas sobre el intercambio desde el punto de vista periférico**. Revista de la CEPAL, Santiago de Chile, no. 28, p. 195-206, abril, 1986. Disponível em:https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/11914/028195206_es.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 13/12/2022

WASSERMAN, Claudia. **A teoria da dependência: do nacional-desenvolvimentismo ao neoliberalismo**. 1. Ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27

NETTO, José Paulo. **O que é marxismo** / José Paulo Netto São Paulo: Brasiliense, 2006 - (Coleção primeiros) passos: 148).

PEREIRA, L. C. B. (1995). **Do ISEB e da CEPAL à Teoria da Dependência**. In Bresser-Pereira, L. C. (Org.), O Estado na era do conhecimento: O duplo papel do Estado na globalização (pp. 39-56). Editora 34.

REYES, Cristóbal. **Uma teoria marxista da dependência? Notas sobre o lugar da teoria marxista da dependência no projeto teórico geral da crítica da economia política**. Germinal: marxismo e educação em debate, Salvador, v.14, n.1, p.361-372, abr. 2023.

RODRIGUES, Gabriela Oliveira. **A Teoria Marxista da Dependência em Ruy Mauro Marini: Superexploração da Força de Trabalho e Subimperialismo na integração capitalista mundial da América Latina.** Monografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, Theotônio dos. “A teoria da dependência: um balanço”. In: **Teoria da dependência: balanço e perspectivas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **Imperialysmo y Dependência.** Fundación Biblioteca Ayacucho, 2011. Nº 5

_____. **La crisis de la teoría del desarrollo y las relaciones de dependencia en América Latina.** Madrid: Siglo XXI Editores, 1970.

_____. **“El capitalismo colonial según André Gunder Frank”**, Dependencia y cambio social, Cuadernos de Estudios Socioeconómicos, No. 11, Universidad de Chile, ceso, 1970

Versão Final Homologada
22/06/2023 09:27